

URI – UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS
MISSÕES

CAMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COMÉRCIO EXTERIOR

**COMPLEXO SOJA: SUA IMPORTÂNCIA PARA O AGRONEGÓCIO, A BALANÇA
COMERCIAL E A ECONOMIA BRASILEIRA**

NILSON LUIZ COSTA

Frederico Westphalen, 2005.

URI – UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS
MISSÕES

CAMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COMÉRCIO EXTERIOR

**COMPLEXO SOJA: SUA IMPORTÂNCIA PARA O AGRONEGÓCIO, A BALANÇA
COMERCIAL E A ECONOMIA BRASILEIRA**

Monografia realizada para a obtenção do Título de Especialista em Comércio Exterior do Curso de Especialização em Comércio Exterior da URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Frederico Westphalen/RS.

ALUNO: NILSON LUIZ COSTA

ORIENTADOR: PROF. DR. ARGEMIRO LUÍS BRUM

Frederico Westphalen, 2005

Costa, Nilson Luiz.

Complexo Soja: Sua importância para o Agronegócio, a Balança Comercial e a Economia Brasileira – Frederico Westphalen. URI Campus de Frederico Westphalen, 2005. 95p.

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Comércio Exterior. URI Campus de Frederico Westphalen, 2005.

1. Complexo Soja: 2. Agronegócio: 3. Balança Comercial: 4. Economia Brasileira

TERMO DE APROVAÇÃO

A Banca Examinadora abaixo-assinada aprova a Monografia:

COMPLEXO SOJA: SUA IMPORTÂNCIA PARA O AGRONEGÓCIO, A BALANÇA COMERCIAL E A ECONOMIA BRASILEIRA

Elaborada por

NILSON LUIZ COSTA

Como requisito para obtenção do Grau de Especialista em Comércio Exterior.

Frederico Westphalen, 13 de Setembro de 2005.

Orientador: Professor Dr. Argemiro Luís Brum
Departamento de Economia e Contabilidade
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ)

Examinador: Professor Msc. Roberto Vilmar Satur
Departamento de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW)

Examinador: Professor Msc. Egídio Kuhn
Departamento de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW)

Examinador: Professor Msc. Evaldir Tiburski
Departamento de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW)

À minha esposa Viviane
dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todos os que colaboraram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, em especial:

Aos meus pais pelo auxílio afetivo e financeiro;

Ao Prof. Dr. Argemiro Luís Brum, pelo tempo dedicado a esta obra e os sábios apontamentos;

À Coordenação do Pós-Graduação em Comércio, sempre aberta ao diálogo em todas as relações com os alunos;

À equipe de Professores, que ofereceram o que há de melhor na metodologia do ensino do Comércio Exterior;

À equipe da Ceema – Central Internacional de Análises Econômicas e Estudos de Mercado Agropecuário, pela presteza destinada ao estudo do agronegócio e a este trabalho.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo identificar a importância histórica do complexo agroindustrial da soja para a economia, a balança comercial e o agronegócio brasileiro. Neste contexto, analisou-se a conjuntura do complexo agroindustrial e os conceitos desenvolvidos por grandes expoentes da área. Analisando a conjuntura deste setor da economia buscou-se apresentar a atual situação do agronegócio e sua contribuição para a economia como um todo, destacando seu potencial de crescimento, seus pontos fortes e suas deficiências estruturais. Em continuidade ao estudo analisou-se o complexo agroindustrial da soja e sua capacidade de produção de proteínas e óleo, além da representatividade nas exportações agropecuárias e totais brasileiras. Igualmente, observou-se a participação dos principais exportadores e consumidores mundiais de soja em grão, farelo e óleo, além da evolução da produção. Para tanto, observou-se a evolução recente da área plantada, rendimento por hectare, produção e exportação, principalmente dos Estados Unidos, Brasil, Argentina e China, principais *players* envolvidos no processo. Após estas análises, buscou-se encontrar os principais fundamentos que contribuem para a formação do preço da soja em grão, farelo e óleo. Igualmente, buscou-se quantificar a representatividade do sistema agroindustrial da soja para a economia, o comércio exterior brasileiro e para as regiões brasileiras cujas matrizes produtivas são essencialmente agrícolas.

ABSTRACT

This present study has for the target to identify the historical importance of the agro industrial complex of the soy for the economy, the trade balance and the Brazilian agribusiness. At this context, was analyzed the conjuncture of the agroindustrial complex and the concepts involved by the great exponents of the area. Analyzing the conjuncture of this economy section, was looked for to present the current situation of the agribusiness and its contribution to the economy as a whole, highlighting its growth potential, its strong points and its structural deficiencies. In continuity of the study also was analyzed the agroindustrial complex of the soy and its protein and oil production capacity, beyond of the agricultural export representative and Brazilian total. At the same time, was analyzed the share of the main worldwide exporter and consumer of the grain soy, bran and oil, beyond of the production evolution. For so, the recent evolution of the planted area was observed, the hectare efficiency, the export and production, mainly in the USA, Brazil, Argentina and China, the main *players* involved in the process. After these analyses it was observed the mainly base that contribute to the prices formation of the grain soy, bran and oil. Equally, was looked for to quantify the agroindustrial system representative of the soy to the economy, for the Brazilian external trade and for the Brazilian regions whose production main are essentially agricultural.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	06
RESUMO	07
ABSTRACT	07
LISTA DE FIGURAS	09
LISTA DE QUADROS	10
LISTA DE TABELAS	11
1.INTRODUÇÃO	12
2.REVISÃO TEÓRICA	14
2.1. Sistema Agroindustrial	14
2.2. O Agronegócio Brasileiro	19
2.3. A Importância e a Dinâmica do Complexo Soja	23
2.4. Principais Países Produtores de Soja	26
2.4.1. Estados Unidos	28
2.4.2. Brasil	31
2.4.3. Argentina	37
2.4.4. China	39
2.5. Principais Países Consumidores de Soja	42
2.5.1. Importações Mundiais de Soja em Grão	43
2.5.2. Importações Mundiais de Farelo de Soja	45
2.5.3. Importações Mundiais de Óleo de Soja.....	47
2.6. Produção e Consumo de Soja no Brasil – Grão, Farelo e Óleo	49
2.7. Aspectos da Formação do Preço da Soja e seus Derivados no Brasil	58
3. METODOLOGIA	63
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	64
4.1. A Importância do Complexo Agroindustrial da Soja para a Economia e Balança Comercial Brasileira	64
5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	74
REFERÊNCIAS	79
ANEXOS	82

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de SAG – Sistema Agroindustrial.....	15
Figura 2 - Indústria de Esmagamento e Derivados de Óleos de Soja.....	24
Figura 3: Brasil Exportações Agropecuárias – Produtos Selecionados	25
Figura 4: Exportação do Complexo Soja – 2004.....	26
Figura 5: Evolução da Produção Mundial de Soja – 1970/2004	27
Figura 6: Participação Percentual na Produção Mundial de Soja – 1970/2004.....	28
Figura 7: Produção de Soja nos Estados Unidos	29
Figura 8: Estados Produtores de Soja e Principais Portos de Escoamento da Produção – Brasil - 2003	33
Figura 9: Evolução da Área Plantada e Produção de Soja no Brasil	34
Figura 10: Evolução da Produção de Soja por Estado no Brasil	35
Figura 11: Produção e Consumo de Soja na China	44
Figura 12: Consumo Per Capita de Óleo de Soja – Ásia – 1981/2003.....	48
Figura 13: Brasil – Capacidade de Esmagamento X Esmagamento X Refino.....	51
Figura 14: Brasil - Exportações do Complexo Soja e Saldo Comercial Brasileiro - 1992/2004	65
Figura 15: Brasil – Percentual de Participação do Complexo Soja nas Exportações Totais	66
Figura 16: Brasil – Comparação entre as exportações do complexo soja e o PIB Brasil.....	67
Figura 17: Brasil – Divisas Captadas pelo Complexo Soja.....	68
Figura 18: Brasil – Participação na Renda do Produtor Agropecuário – 2003.....	69
Figura 19: Brasil – Projeções Área Plantada e Produção até 2020.....	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Brasil – Maiores Exportadoras do Complexo Soja - 2004/2005	57
Quadro 2: Metodologia de Cálculo do PPE para o grão de soja.....	60
Quadro 3: Metodologia de Cálculo do PPE para o farelo de soja	60
Quadro 4: Metodologia de Cálculo do PPE para o óleo de soja.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Principais Países Exportadores de Produtos Agrícolas 2003 (em Milhões de US\$).....	20
Tabela 2: Estados Unidos – Área Plantada, Rendimento/há, Produção/t, Importação/t, Exportação/t, Consumo/t e Estoques Finais/t – 1990 a 2002	30
Tabela 3: Comparação da Receita Líquida na Exportação de Soja em Grão em 1997 Brasil, Estados Unidos e Argentina	32
Tabela 4: Brasil – Área Plantada, Rendimento/há, Produção/t, Importação/t, Exportação/t, Consumo/t e Estoques Finais/t – 1990 a 2002	36
Tabela 5: Argentina – Área Plantada, Rendimento/há, Produção/t, Importação/t, Exportação/t, Consumo/t e Estoques Finais/t – 1990 a 2002	39
Tabela 6: China – Área Plantada, Rendimento/há, Produção/t, Importação/t, Exportação/t, Consumo/t e Estoques Finais/t – 1990 a 2002	42
Tabela 7: Maiores Importadores Mundiais de Soja (Milhão de toneladas).....	42
Tabela 8: Exportações Brasileiras por Países de Destino: Soja em Grãos	45
Tabela 9: Exportações Brasileiras por Países de Destino: Farelo de Soja.....	47
Tabela 10: Exportações Brasileiras por Países de Destino: Óleo Bruto, Refinado e Outros	49
Tabela 11: Brasil – Capacidade de Envase – Unidades Ativas e Inativas	52
Tabela 12: Farelo de Soja – Estoque, Produção, Importação, Exportação e Consumo Interno 2003/2004 (em 1000 toneladas).....	53
Tabela 13: Óleo de Soja – Estoque, Produção, Importação, Exportação e Consumo Interno 2003/2004 (em 1000 toneladas).....	54
Tabela 14: Brasil - Quantidade de Empresas Exportadoras de Produtos do Complexo Soja conforme Faixa de Exportação e Item Exportado – 2004/2005	56
Tabela 15: Comparativo entre as Exportações do Complexo Soja, Exportações Totais, Saldo Comercial e PIB do Brasil (em US\$ milhões).....	66
Tabela 16: Agricultura na Amazônia Legal.....	70
Tabela 17: Participação do Pib do Agronegócio em Relação ao Pib Brasileiro (em R\$ milhões).....	72

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa a evolução histórica recente do agronegócio brasileiro, com ênfase, principalmente, à soja, seus derivados e sua contribuição para o saldo comercial e a economia brasileira. Assim sendo, analisar-se-á as visões conceituais sobre o sistema agroindustrial brasileiro, em especial, sobre o complexo agroindustrial da soja, levantando aspectos sobre sua evolução histórica e os maiores concorrentes mundiais. Ao mesmo tempo, levantar-se-á aspectos sobre a formação do preço do grão, farelo e óleo.

A análise do agronegócio brasileiro e do complexo soja se torna significativamente importante ao tempo em que as estatísticas apresentam posição de destaque de tal setor da economia brasileira, seja na pauta de exportações ou na matriz produtiva da economia. Tal significância do setor é consolidada pelo processo de integração comercial entre os países, intensificado pelo governo brasileiro em meados da década de 1990.

A integração comercial, segundo estudiosos clássicos e contemporâneos, possibilita o aumento da corrente de comércio entre os países e aquele que detiver um produto altamente competitivo poderá obter ganhos de comércio. Neste contexto, Jacob Viner (1950), com a moderna teoria da integração regional mostrou que a formação de Acordos de Integração Regional poderia levar à criação ou desvio de comércio, aumentando ou reduzindo o bem estar das nações membros.

No caso agroindustrial brasileiro, percebe-se que os acordos comerciais podem apresentar ganhos de comércio, constituindo-se como um importante meio para alavancar o crescimento econômico do país, uma vez que a classe produtiva goza de uma situação privilegiada pela competitividade auferida nos últimos anos. Como conseqüência de tal modelo voltado para as exportações, as reservas internacionais brasileiras são fortalecidas, ao mesmo tempo em que se geram crescimento e desenvolvimento econômico na área rural brasileira.

Assim, o estudo proposto ganha importância, uma vez que o agronegócio é um respeitável componente da matriz produtiva brasileira. Destarte, a cultura da soja está

espalhada por estados do Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste, e destaca-se o alargamento das fronteiras agrícolas, principalmente nos estados do Norte e Nordeste, nas regiões de florestas e cerrados.

Assim sendo, o texto do presente estudo está dividido em três partes básicas: o primeiro faz uma abordagem teórica de dados sobre o Sistema Agroindustrial como um todo e busca conceitos que melhor caracterizem as cadeias agroindustriais, principalmente a cadeia agroindustrial da soja. Também realça as potencialidades brasileiras para o setor; a segunda parte dedica-se ao resultado das análises do Complexo Agroindustrial da Soja, fazendo um resgate histórico dos principais países produtores e consumidores e trabalhando aspectos sobre a formação do preço do grão, farelo e óleo. Em seu final é analisada a importância do setor para a economia, a balança comercial e as regiões brasileiras que apresentam a matriz produtiva baseada nesta atividade.

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1. Sistema Agroindustrial

O conceito de agronegócio que se pretende abordar foi iniciado pela Universidade de Harvard por Davis & Goldberg¹ (1957) ao final da década de 1950. Seu diferencial em relação aos tradicionais é a compreensão do sistema de produção desde o campo até o consumidor final. Giordano (1999) destaca que esta forma de análise apresenta vantagens em relação às outras existentes, uma vez que tenta compreender o encadeamento, ou seja, o processo dinâmico no qual todas as partes do sistema estão interligadas. Conforme este conceito, o somatório de todas as operações envolvidas na produção e distribuição de bens agrícolas, “antes, dentro e depois da porteira”, corresponde ao Sistema Agroindustrial.

Outra contribuição importante vem de Müller² (1989), pois em sua análise apresenta este complexo com um alto grau de interação entre agricultura e indústria. Postula que o complexo agroindustrial é definido como uma sucessão de atividades vinculadas à produção e transformação de produtos agropecuários e florestais. Entre estas atividades estão a geração, beneficiamento e transformação de produtos, produção de bens de capital, insumos industriais para a agricultura, coleta, armazenagem, transporte e financiamento do setor produtivo. Relaciona como núcleo do complexo agroindustrial as principais atividades, dentre as quais a agricultura. Porém, menciona que ela pode estar subordinada a setores que detém o controle sócio-econômico na produção do complexo, como setores industriais ou, até mesmo, redes de supermercados ligados ao comércio atacadista e varejista.

Outra visão conceitual que se destaca e assemelha-se às anteriores foi a desenvolvida por dois pensadores que buscaram atender às necessidades, para fins de análise, do sistema agroindustrial de alimentos e fibras, contemplando o encadeamento e as relações existentes dentro de um ambiente institucional e organizacional entre a indústria de insumos, a agricultura, a indústria de alimentos, o mercado atacado, varejista e o consumidor. A Figura 1 apresenta o Modelo de Sistema Agroindustrial desenvolvido por Farina & Zylbersztajn (1998).

¹ DAVIS, J.H. E GOLDBERG, R. **A concept of Agribusiness**. Harvard University Research Program Series. Harvard University Press, 1957, 60p. In Giordano (1999).

² MULLER, G. **Complexo Agroindustrial e Modernização Agrária**. Editora Hucitec, São Paulo, 1989. 149p.

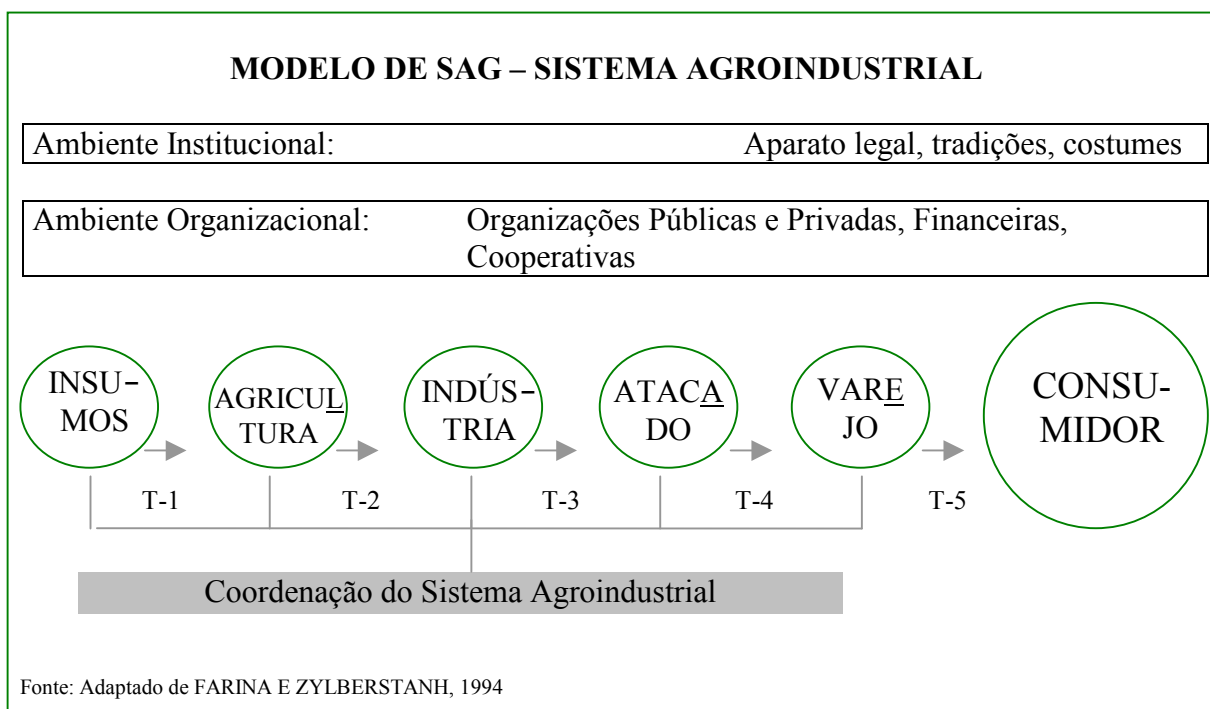


Figura 1 – Modelo de SAG – Sistema Agroindustrial

Procurou-se demonstrar, neste sistema, todas as relações existentes entre os agentes envolvidos na produção e na comercialização de produtos. Ilustra as transações (T) existentes entre os setores. Procura demonstrar que a indústria de insumos fornece matéria-prima para a agricultura, que, por sua vez, repassa sua produção para a indústria de transformação, esta venderá para o atacado que repassará para o varejo e, mais tarde, venderá para o consumidor. Assim sendo, busca-se contemplar um sistema interligado, com interações e transações, funcionando dentro de um ambiente institucional e organizacional.

Percebe-se que, no caso da cadeia agroindustrial da soja, a análise é a mesma, pois identificam-se facilmente as indústrias de insumos, a propriedade rural, a indústria de transformação, o varejo, o atacado e o consumidor final.

Portanto, para fins de análise entende-se a cadeia agroindustrial como os relacionamentos e trocas de capital e bens viabilizados por todos os agentes que contribuirão, de forma direta ou indireta, para que o produto final chegue ao mercado consumidor.

Tal sistemática é diferente da adotada até a primeira metade do século XX na agricultura brasileira. Outrora, as propriedades produziam para a própria subsistência, com baixo nível de especialização e diversificação, onde usavam basicamente adubos orgânicos, carros de boi e um aparato tecnologicamente defasado para os padrões atuais, poucos eram os avanços tecnológicos. Diferentemente, na sociedade do pós Guerra apresentou-se a tendência de especialização e industrialização, associada à migração do homem do campo para a cidade e à transformação de pequenas propriedades rurais em pólos de transações comerciais. O cultivo agrícola argüiu com as necessidades do mercado consumidor, em substituição ao modelo de auto-subsistência. Tal mudança conjuntural estimulou as propriedades a um maior grau de especialização na produção agrícola, uma das premissas para transformação na maneira de produzir. Neste novo sistema, denominado agroindustrial, o mercado passou a fornecer os insumos básicos para o plantio e o mesmo absorveu a produção.

À mesma direção se voltou a infraestrutura de transportes e o sistema logístico brasileiro que passaram a apresentar melhores índices de eficiência, devido a investimentos principalmente no modal rodoviário. Esta evolução das cadeias produtivas, principalmente da agrícola consolidou o conceito de “sistema agroindustrial”, ou seja, um sistema mais complexo, com maior número de agentes que viabilizam a produção e comercialização primária.

A evolução elevou o grau de especialização e diversificação da indústria de insumos da propriedade rural, da indústria de processamento do agronegócio e outras, tudo para sanar as demandas do mercado consumidor.

Ao analisar-se a história do sistema agroindustrial brasileiro e do complexo soja, perceber-se-á que a soja é uma oleoproteagínosa originária da China e chegou ao Brasil em 1882, na Bahia, mas foi cultivada com objetivos comerciais no Brasil a partir do final dos anos de 1960 em terras do Rio Grande do Sul. Destaca Giordano (1999)³ que, por volta de 1974, um grupo de 117 agricultores brasileiros, coordenados pela Cotrijuí – Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda, dos quais 54 gaúchos, visitaram propriedades rurais dos Estados Unidos e a *Chicago Board of Trade* (Bolsa de Mercados e Futuros de Chicago), mais tradicional bolsa de mercados futuros do mundo. Constataram eles que a oleoproteagínosa

³ GIORDANO, Samuel Ribeiro. In *Competitividade Regional e Globalização*. 1999. 249p.

continuará a ser produzida para fins mercadológicos e gerar um excedente maior de receitas, uma vez que as regiões consumidoras internacionais estavam encontrando dificuldades para encontrar proteína vegetal, principalmente para o gado leiteiro, suínos e produção de ovos. Constatou-se a existência de demanda por parte do mercado internacional, principalmente porque o grão apresentou capacidade de produzir proteína e óleo baratos. Diante disto, a soja passou a povoar ainda mais as áreas agriculturáveis do Estado do Rio Grande do Sul, estimulada pelo aumento dos preços internacionais na época.

A viabilidade econômica e o manejo da cultura deslocaram a fronteira agrícola para o norte brasileiro, ultrapassando as áreas gaúchas. A soja está presente, hoje, em estados do Centro-Oeste, Sudeste, Norte e Nordeste e cada vez mais as fronteiras estão sendo dilatadas. Este cenário elevou o Brasil para o segundo maior produtor mundial da oleaginosa, segundo maior exportador existindo perspectivas que venha a ser o principal produtor e exportador mundial, passando dos Estados Unidos, uma vez que as áreas plantadas estão aumentando a cada ano agrícola.

O crescimento da produção brasileira também se deu em função de novas tecnologias que estão sendo desenvolvidas e implantadas. Passou-se nestes últimos anos a implantar grandes inovações tecnológicas no setor, nas quais destacam-se, além da mecanização e agricultura de precisão, o plantio direto e a soja transgênica. A especialização e a rentabilidade na produção estão em patamares comparados às grandes potências econômicas mundiais. O conceito de agricultura de precisão tornou-se prática em grandes plantações, equipamentos modernos e computadorizados estão buscando maximizar a produção e minimizar custos. Em geral, pequenas e médias propriedades não apresentam o mesmo grau de especialização das grandes, mas mesmo assim a produção tem se mostrado viável ao longo dos anos.

O complexo soja tornou-se o principal item da pauta de exportações brasileiras. A força do setor é refletida através das grandes empresas exportadoras como Bunge e Cargill Agrícola, que vêm se destacando entre as maiores exportadoras nacionais, atrás apenas de gigantes como Petrobrás, Embraer e Companhia Vale do Rio Doce. Também se destaca que em solo brasileiro existem aproximadamente 243 mil produtores rurais de diferentes portes que se dedicam ao cultivo de mais de 22 milhões de hectares de soja. A oleaginosa é a

principal fonte de renda no campo, e trouxe desenvolvimento sócio-econômico a diversas regiões que outrora eram pouco desenvolvidas.

Sendo a soja uma *commodity*, produto de consumo mundial, seu preço no Brasil reflete as tendências do mercado internacional, que, em grande parte, são influenciados pelos indicadores de oferta e demanda. Também é influenciado pela variação cambial, uma vez que os preços internacionais são determinados, na maior parte dos casos, em dólares americanos e logo após convertidos para reais. Sendo assim, visualiza-se relações de oferta, demanda, taxa de câmbio, prêmios/descontos, custos de frete, despesas portuárias, taxas e comissões, corretagem de câmbio como determinantes do preço pago ao produtor de cada região brasileira.

Constata-se que o cultivo da soja está povoando grande parte do território brasileiro e as estatísticas corroboram que o complexo soja apresenta-se como um dos mais importantes componentes para a formação de superávit comercial. Esta relação de importância vem apresentando resultados ascendentes, principalmente após 1999, quando o referido complexo representava cerca de 7,85% das exportações brasileiras, enquanto que em 2004 o representou 10,42%⁴. Ao mesmo tempo, em 2003, conforme levantamento da Abiove (2005), a soja representou 23% da renda do produtor agropecuário.

A exemplo da participação nas exportações, a soja é a grande responsável pela geração do PIB agrícola, que, por sua vez, possui elevada representatividade no PIB a preços de mercado. Portanto, a soja possui uma grande importância nas exportações brasileiras e poderá elevar esta participação, na medida em que a área plantada e a produtividade média aumentem e que as negociações internacionais propiciem a queda de barreiras tarifárias para produtos como óleo e farelo. Porém, as barreiras somente poderão ser derrubadas através de negociações internacionais, como as que estão em andamento, a exemplo da ALCA, OMC, Mercosul, Mercosul X União Européia, acordos com Peru, África do Sul, Índia, Países Árabes, entre outros.

Jacob Viner (1950), com a moderna teoria da integração regional mostrou que a formação de Acordos de Integração Regional poderia levar à criação de comércio e desvio de

⁴ Conforme dados da Abiove e Secex, in Figura 15 desta monografia.

comércio. Supõe que o processo de integração pode ser considerado benéfico do ponto de vista social quando o primeiro efeito supera o segundo, em um horizonte de tempo aceitável. Assim sendo, aquele país que detiver produtos altamente competitivos obterá ganhos de comércio e estes serão benéficos, do ponto de vista social. No caso agroindustrial brasileiro, particularmente do complexo soja, percebe-se que os acordos comerciais podem representar ganhos para a nação, constituindo-se como um importante meio para alavancar o crescimento econômico do país, uma vez que a classe produtiva goza de uma situação de produção e remuneração dos fatores de produção e as contas nacionais passam a contar com as quantidades vultosas de moeda estrangeira que ajudam na composição das reservas cambiais.

Neste cenário, o agronegócio tornou-se um componente capaz de gerar crescimento e desenvolvimento econômico nas regiões em que está inserido. Também Nakano (2004) destaca a existência de correlatividade entre o aumento de exportações e o crescimento econômico.

Portanto, os conceitos como o de sistema agroindustrial e agronegócio tornaram-se importantes a partir do momento em que se percebeu o potencial brasileiro no setor. O entendimento da cadeia agroindustrial como um todo e especialmente o complexo agroindustrial da soja torna-se fundamental, uma vez que a renda, o emprego e o crescimento gerado pelo setor são essenciais à economia nacional.

2.2. O Agronegócio Brasileiro

Conforme dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), este país de dimensões continentais possui 388 milhões de hectares de terras agriculturáveis férteis e de alta produtividade, dos quais 90 milhões ainda não foram explorados.

Esses fatores fazem do país um lugar de vocação natural para a agropecuária e todos os negócios relacionados à suas cadeias produtivas. O agronegócio é hoje a principal locomotiva da economia brasileira e responde por um em cada três reais gerados no país. (MAPA, 2005).

Também apontam os dados do mesmo Ministério que o agronegócio é responsável por 37% dos empregos brasileiros, possuindo destacada participação na formação do Produto Interno Bruto (PIB) e no saldo comercial brasileiro. O vigoroso

crescimento do setor, principalmente no campo das exportações, levou o Brasil à sétima colocação no ranking, dando-lhe lugar de destaque no grupo dos principais exportadores mundiais de produtos agrícolas, com grande potencial de crescimento. Sabe-se também que muito se tem a ser explorado, e grandes são as perspectivas de crescimento no setor, conforme demonstram os dados na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Principais Países Exportadores de Produtos Agrícolas
2003 (em Milhões de US\$)

País	Exportação	Participação %
Estados Unidos	62.305	11,9%
França	42.051	8,1%
Holanda	41.914	8,0%
Alemanha	32.847	6,3%
Bélgica	22.604	4,3%
Espanha	21.442	4,1%
Brasil	20.914	4,0%
Itália	20.645	4,0%
Canadá	17.599	3,4%
Reino Unido	17.192	3,3%
Total Países Selecionados	299.513	57,4%
Total Mundo	522.179	100,0%

Fonte: *FAO – Food and Agriculture Organization* (www.fao.org)

Como visualizamos na tabela anterior, o Brasil foi responsável, no ano de 2003, por 4% das exportações agrícolas mundiais, com US\$ 20.914 milhões. No entanto este valor ainda se mostra tímido, uma vez que efetivamente se iniciou políticas voltadas para o comércio internacional ou políticas econômicas voltadas “para fora” no pós 1990.

Em relação ao potencial, tamanho e volume de exportações brasileiras ainda mostra-se pequeno, comparado a países como Itália e Reino Unido, com quantidades de terras produtivas muito inferiores às brasileiras e semelhantes exportações. O mesmo acontece com países como França, Holanda, Alemanha, Bélgica e Espanha que em 2003 se mostraram superiores ao Brasil. Neste contexto, ações no sentido de agregar valor aos produtos brasileiros, priorizando a exportação de produtos diversificados com valor agregado em detrimento dos produtos *in natura* deve ser considerada. Diversificar a pauta de exportações agrícolas é fundamental tanto quanto o aumento nos volumes de exportações,

mesmo sabendo que os produtos de valor agregado deparam-se com barreiras protecionistas, tarifárias e não-tarifárias.

Em relação às tarifas, destaca-se que muitas poderão ser ultrapassadas em função da competitividade brasileira no setor do agronegócio, que tornou o país um dos líderes mundiais na produção e exportação de vários produtos agropecuários. Neste contexto, destaca-se como o primeiro produtor e exportador de café, açúcar, álcool e sucos de frutas. Lidera o ranking das exportações de carne bovina, carne de frango, tabaco, couro e calçados de couro. Conforme analistas do Mapa⁵, o país será, a curto prazo, o principal pólo mundial de produção de algodão e biocombustíveis, feitos a partir de cana-de-açúcar e óleos vegetais. Suco de frutas, fumo, café, açúcar, além de suínos e pescados, são destaques no agronegócio brasileiro, que emprega atualmente 17,7 milhões de trabalhadores somente no campo e conta com uma pauta de exportações que supera os de 200 itens.

Mesmo com uma diversificada pauta de exportações, entende-se que o agronegócio brasileiro necessita de um maior volume de itens com alto valor agregado. Nassar & Farina (2001) destacam a existência de uma leve tendência para tal aumento e diversificação das exportações agroindustriais brasileiras, constatando a necessidade de agregar mais valor às exportações, pois esta corrobora para a geração de mais renda e postos de trabalho dentro dos limites geográficos do próprio país.

...as empresas sediadas no Brasil estão inovando em suas estratégias de comércio exterior. A mudança na estrutura das exportações não representa apenas que novos produtos brasileiros são colocados no mercado internacional mas que novas transações estão surgindo entre os exportadores e importadores. Tais transações tem padrões completamente diferentes daqueles que predominam nas exportações de *commodities* básicas, semi-elaboradas ou mesmo industrializadas, como o suco de laranja concentrado. (NASSAR & FARINA, 2001).

Acredita-se que o crescimento do setor, bem como os significativos aumentos de produtividade que elevaram a competitividade do agronegócio brasileiro foram alcançados graças aos investimentos em aperfeiçoamento tecnológico e às vantagens competitivas que o país apresenta em relação aos demais. O solo fértil, o clima, a água, a biodiversidade e o desenvolvimento do agronegócio tornaram o setor agrícola e pecuário em um dos “carros chefe” da economia. Mesmo em uma conjuntura econômica de restrições orçamentárias constatam-se a existência de políticas expansionistas, com juros subsidiados e isenção de

⁵Mapa - Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento.

impostos para produtos destinados à exportação, no entanto estas políticas tornam-se tímidas comparadas às dos principais concorrentes e consumidores como Estados Unidos e países da União Européia.

Ao mesmo tempo em que se encontram fatores que impulsionam o crescimento e desenvolvimento do setor, destacam-se fraquezas que bloqueiam o desempenho do mesmo. O chamado Custo Brasil é o principal entrave ao desenvolvimento e aumento da competitividade de produtos brasileiros, não somente no agronegócio. Parte das rodovias asfaltadas, onde existem, estão em péssimo estado de conservação. A carga tributária onera as indústrias esmagadoras, além de causar aumentos nos insumos como óleo diesel, pneus, e demais matérias-primas para a produção. A política tributária para o mercado é altamente onerosa ao setor produtivo. As leis trabalhistas são rígidas e forçam a substituição do homem pela máquina. Mas a vocação e os demais insumos de produção são abundantes ao ponto de mesmo com todos os problemas, a produção e a comercialização de grãos, carne, e demais produtos do setor continuem aumentando substancialmente a cada ano agrícola.

2.3. A Importância e a Dinâmica do Complexo Soja

O principal destaque do agronegócio é, sem dúvidas, a soja. Conhecida há mais de cinco mil anos, desenvolveu-se e, após uma série de cruzamentos naturais, deixou a característica de planta rasteira e assemelhou-se a soja de hoje. Segundo o MAPA (2005), chegou no Brasil em 1882, oportunidade em que foi cultivada no território baiano e com o passar dos anos, principalmente no Pós II Guerra passou a ganhar importância no meio agrícola brasileiro. Hoje, seu complexo, envolvendo grão, farelo e óleo apresenta elevados índices de competitividade internacional, mesmo com desvantagens em relação aos subsídios aplicados pelos demais produtores mundiais.

Para fins de análise, Brum (2002) divide a economia da soja em cinco etapas:

Na primeira, entre 1900 a 1945, destaca a perda do espaço Chinês na produção e exportação da soja e a consolidação da produção e consumo no mercado interno dos Estados Unidos;

Na segunda fase, compreendida entre 1945 a 1972 destaca a diminuição na participação nas exportações por parte de países subdesenvolvidos e a consolidação norte

americana como o principal produtor mundial, além da transferência de seu modelo agroalimentar para o resto do mundo. Pondera-se que o modelo agroalimentar norte americano se consistiu em uma forma de arraçamento (tratamento) animal baseado na mistura soja-milho. Foi introduzido na Europa e Japão como parte do Plano Marshall de reconstrução no pós II Guerra Mundial. Naquele momento, os países estavam com sua capacidade agrícola destruída, houve uma dependência imediata de produtos para arraçamento animal baseados nos produtos que os Estados Unidos possuíam em grandes excedentes, atrelados a linha de créditos. Este modelo impulsionou a soja no mundo e permitiu o desenvolvimento da indústria americana;

Em uma terceira fase, compreendida entre 1972 a 1990, é destacada a reconquista do mercado por países subdesenvolvidos, entre os quais Brasil, Argentina, Malásia e Indonésia, destacando-se os dois primeiros países mais os Estados Unidos como grandes produtores e exportadores mundiais;

Já, em uma quarta fase, compreendida entre 1990 a 1995 destacou principalmente a queda dos subsídios junto aos países subdesenvolvidos e manutenção dos mesmos junto aos países desenvolvidos;

Por fim, no período compreendido entre 1995 a 2001, foram destacados o desenvolvimento da soja transgênica, novas técnicas de plantio e a consolidação do processo de globalização da economia, que seguem até hoje.

Possuindo a soja grande capacidade para a produção de proteínas e óleo, da soja são extraídos diferentes produtos alimentares para a raça humana e animal. Assim, destacam-se através da Figura 2 os diferentes produtos derivados do complexo soja. A partir do esmagamento do grão se obtém dois tipos de produtos, o farelo e o óleo bruto. O farelo de soja é usado como complemento alimentar principalmente para arraçamento animal. O óleo bruto passa por um processo de degomagem e após este processo passa a existir o óleo degomado que, depois de passar por um processo de neutralização e branqueamento se transformará em óleo branqueado. Logo, através do processo de refino do óleo branqueado surgirão o óleo refinado e margarinas, gorduras, etc.

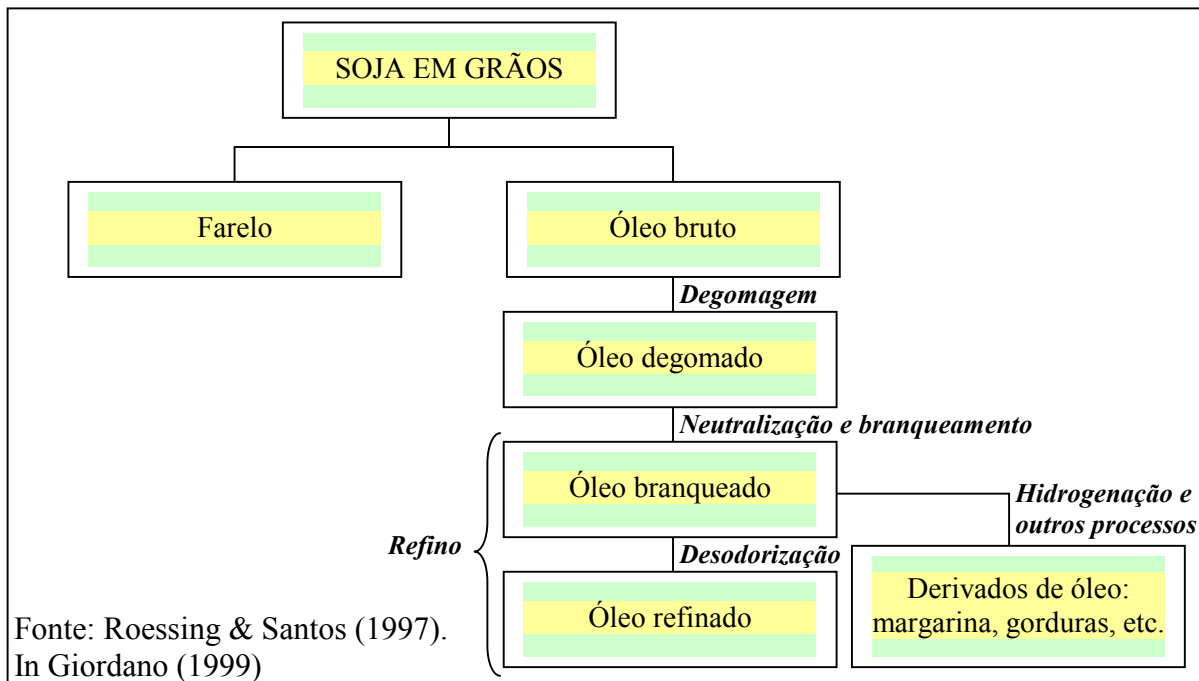


Figura 2 - Indústria de Esmagamento e Derivados de Óleos de Soja

Diante do exposto na Figura 2 percebe-se a grande potencialidade da oleoproteaginososa para a produção de alimentos, principal fator estimulante da grande demanda internacional. Tal potencialidade e competitividade da soja e seus derivados são confirmadas pelo volume de exportações do agronegócio brasileiro. Neste sentido constatou-se que os produtos derivados da soja representaram no ano de 2004 aproximadamente 38% das exportações agropecuárias. É o que demonstra a Figura 3.

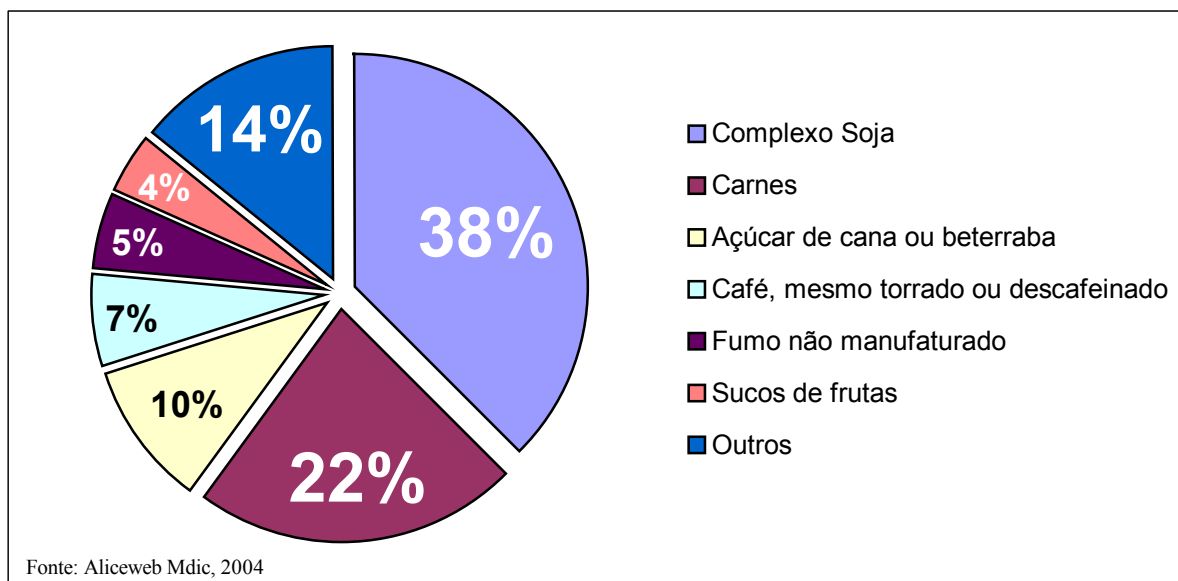


Figura 3: Brasil Exportações Agropecuárias – Produtos Selecionados – 2004.

Neste contexto, destaca-se que a soja *in natura*, ou mesmo triturada representou 20,20% das Exportações Agropecuárias brasileiras no ano de 2004, enquanto que o farelo e óleo representaram 12,25% e 5,18% respectivamente, conforme destaca a Figura 4. Novamente percebe-se que existe espaço para agregar valor aos produtos, tendenciando para a geração de níveis mais altos de renda e um maior número de postos de trabalho. No entanto, sabe-se que os principais países consumidores aplicam políticas comerciais protecionistas para produtos com valor agregado, como o óleo e o farelo, mas acredita-se que as negociações no âmbito da Área de Livre Comércio da Américas – ALCA, do Mercado Comum do Sul – Mercosul, da Organização Mundial do Comércio – OMC, do Mercosul e União Européia e demais acordos bilaterais como os negociados com Peru, África do Sul, Índia, Países Árabes entre outros, poderão ampliar o acesso ao mercado para estes países e blocos econômicos.

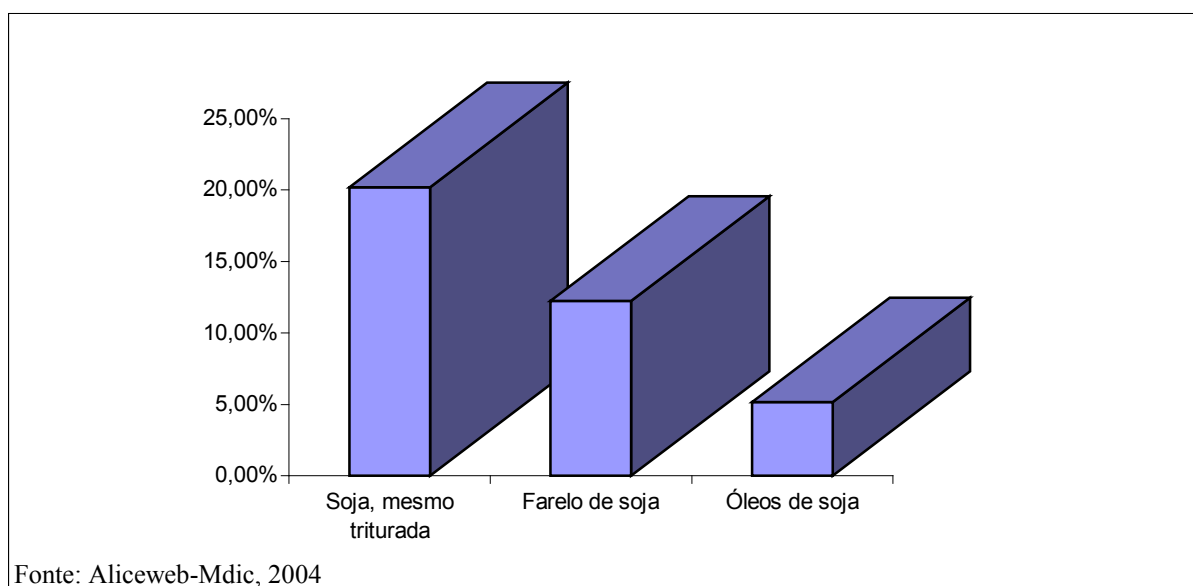


Figura 4: Exportação do Complexo Soja - 2004

2.4. Principais Países Produtores de Soja no Mundo

Em muitos lugares do globo é cultivada a soja, mas o solo e as políticas econômicas voltadas para o plantio são mais intensas nos Estados Unidos, Brasil, Argentina e China. Estes países estão entre os principais produtores mundiais de soja no pós 1900. Tal posição é confirmada através de dados da *FAO – Food and Agriculture Organization*, órgão da ONU responsável por estudos e assuntos relacionados à agricultura e alimento no mundo. Consta que, no período compreendido entre 1970 e 2004, a produção mundial da soja cresceu 327,37%, ou seja, de 43.696.887 toneladas para 206.409.525 toneladas, é o que destaca a

Figura 5. O crescimento é significativo, mas não foi suficiente para acabar com a fome do mundo. Entende-se que ainda é pouco considerando o fato de inserir camadas de populações que vivem em miséria absoluta no rol de consumidores de carne, leite e outros que encontram na proteína da soja um insumo de produção ou consumo.

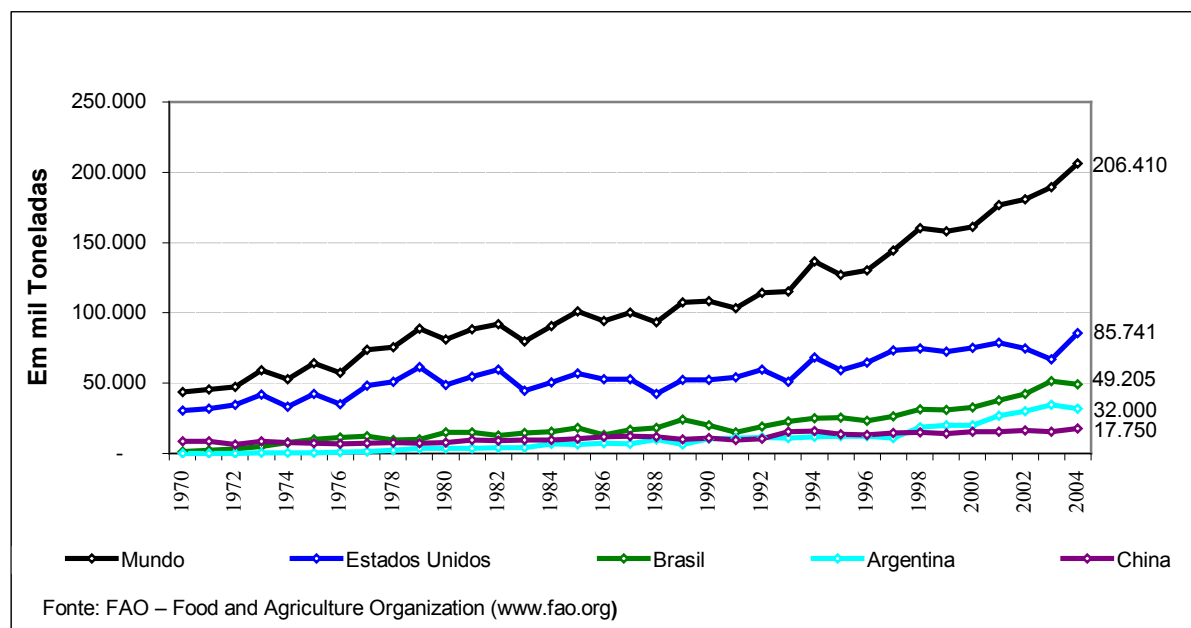


Figura 5: Evolução da Produção Mundial de Soja – 1970/2004

Verifica-se a grande importância que estes quatro países representam na produção sojícola mundial. Em 2004, somente os Estados Unidos representou o equivalente a 41,5% da produção mundial, seguido por Brasil com percentual de 23,8%, Argentina com 15,5% e China com 8,6%, ou seja, os quatro maiores produtores foram responsáveis por cerca de 89,4% da produção mundial de soja. Ao mesmo tempo verifica-se que o aumento na produção dos Estados Unidos foi inferior às taxas de crescimento da produção mundial, ocasionando um decréscimo na participação relativa deste na produção mundial de soja. Em 1970 este país era responsável por 70% da produção mundial, chegando a representar 73% em 1972. Mas a partir deste ano mostrou uma tendência baixista na participação percentual, chegando a representar 41,5% da produção no ano de 2004, ou seja, economicamente perdeu espaço, mesmo aumentado seus níveis de produção e consumo.

Diferentemente, o Brasil, responsável por 3% da produção mundial em 1970, apresentou tendência ascendente e chegou a representar 27% da produção mundial de soja na safra agrícola 2003. No ano de 2004, foi responsável por 23,8% da produção. Devido ao

potencial de crescimento, acredita-se que a médio e longo prazo a participação percentual continuará ascendente, inclusive ultrapassando o total produzido pelos Estados Unidos.

Não obstante, a Argentina que, em 1970, era o quarto maior produtor, responsável por menos de 1% da produção mundial da oleoproteaginoso, mas seu crescimento, principalmente no pós 1970 gerou um ganho significativo que a tornou responsável por 18% do total produzido em 2003 e 15,5% em 2004, superou a China, desbancando-a para a quarta posição no ranking da produção. A isto, se devem vários fatores, entre os quais a alta produtividade do solo argentino e a preferência pelo plantio de arroz e milho na China. A Figura 6 demonstra a participação percentual na produção mundial de soja entre 1970 e 2004.

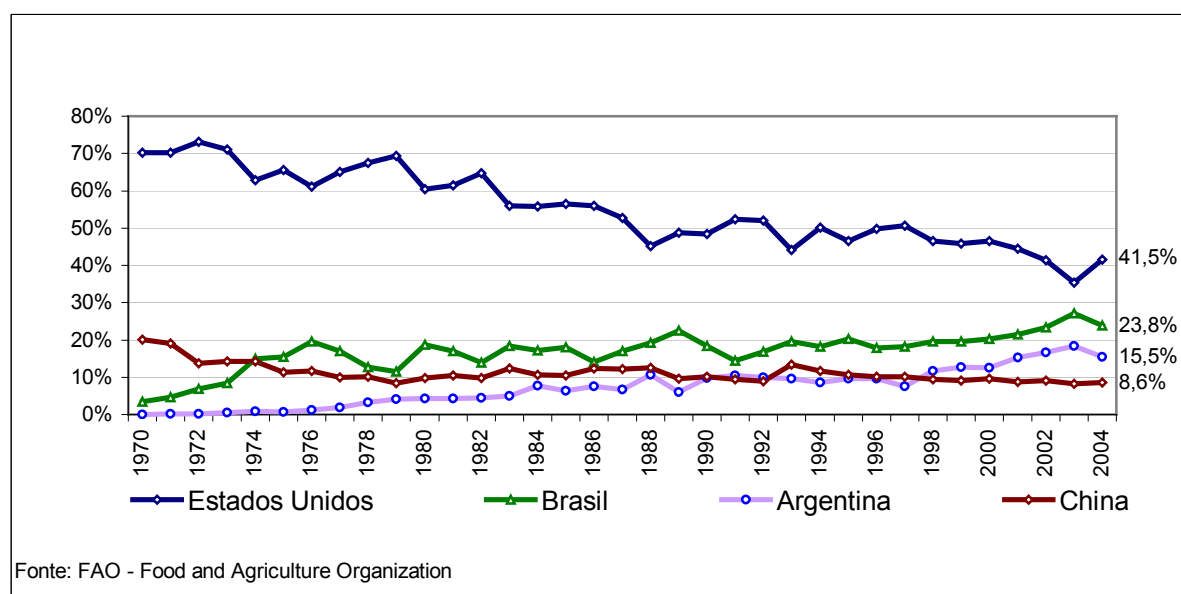


Figura 6: Participação Percentual na Produção Mundial de Soja – 1970/2004

Ao analisar a participação dos principais países produtores em relação a produção mundial, percebe-se que o Brasil foi o que mais cresceu, superando a China por volta de 1974 e consolidando-se a partir deste período como o segundo maior produtor de soja. Já, após 1970, a produção norte americana apresentou comportamento anverso, diminuindo sua participação, mesmo sempre figurando como maior produtor mundial. Deve-se esta tendência, principalmente, ao fator da entrada dos países sul americanos no grupo dos produtores de soja, apresentando crescimento significativamente superior ao norte americano. Ao mesmo tempo, acredita-se que a participação relativa dos Estados Unidos ainda será decrescente, uma vez que este país não possui grandes áreas de terras agriculturáveis ociosas,

como é o caso do Brasil. Assim, em termos gerais, o aumento da produção e área plantada em solo estado unidense se dará em função da diminuição de área para milho, trigo, entre outros.

2.4.1. Estados Unidos:

Segundo Brum (2002), a cultura sojícola foi inserida no setor produtivo norte-americano no ano de 1919, viabilizado principalmente pela criação da *American Soybean Association – ASA*, sendo que efetivamente os primeiros resultados apareceram em 1923. O grão teve situação favorável em 1930, época na qual os Estados Unidos promoveram a instalação de indústrias moageiras para suprir a demanda por proteína para uso animal, fundamental para a produção de leite, carne de suíno, de frango e ovos. Neste mesmo período, o óleo refinado de soja passou a ser um produto substituto da gordura animal (banha de porco e manteiga principalmente), mas foi em 1940 que houve significativo avanço na produção que tornou os Estados Unidos o principal produtor mundial da *commodity* e principal exportador do modelo agroalimentar baseado na proteína extraída da oleaginosa. Posteriormente, através do Plano Marshall para a reconstrução da Europa, o modelo foi adotado pelo então Mercado Comum Europeu que passou a ser um forte importador mundial de grãos e farelo de soja, incorporando o excedente do mercado norte americano. Verificou-se, assim, a consolidação de um eixo comercial baseado na dinâmica Norte-Norte, que perdurou até meados de 1970. A Figura 7 destaca a produção de soja norte americana pós 1961.

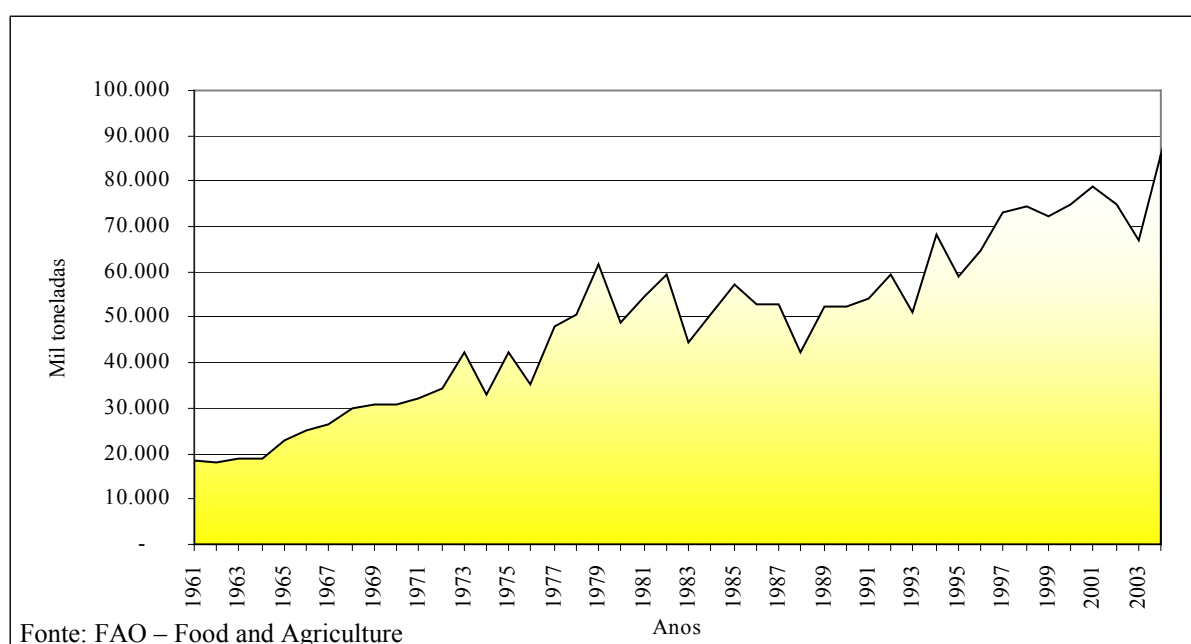


Figura 7: Produção de Soja nos Estados Unidos

Como se percebe na Figura 7, os volumes produzidos pelos Estados Unidos tomam uma trajetória crescente. O mesmo acontece com a quantidade de área plantada, o consumo da oleaginosa e a produtividade.

Tal crescimento no setor tornou este país em um dos principais exportadores mundiais. Conforme estatística da *USDA – United States Department of Agriculture*, em 1990 o volume exportado chegou ao nível de 15,161 milhões de toneladas, passando para 25,583 milhões de toneladas em 2002, representando, assim, um crescimento de 69%. No mesmo período a área plantada aumentou 28% e a produção 42%. O rendimento passou de 2.290 quilos para 2.540 quilos por hectare cultivado, ou seja, um ganho de produtividade na ordem de 11%. Os estoques finais variaram e em 2002 eram de 4,479 milhões de toneladas, caracterizando-se como um dos mais baixos dos últimos anos. Outro dado que se observou foram as importações realizadas por este país, onde se percebeu que nos últimos anos o maior volume importado, ocorrido em 1996, correspondeu a aproximadamente 0,37% do volume produzido, ou seja, de pouco significado se comparado ao total. Percebe-se que, em média, nos últimos 13 anos o país norte americano importou 113.615 toneladas e exportou 22.664.385 toneladas. Os dados da Tabela 2 demonstram estas variações.

Tabela 2: Estados Unidos – Área Plantada, Rendimento/ha, Produção/t, Importação/t, Exportação/t, Consumo/t e Estoques Finais/t – 1990 a 2002

Ano	Área Plantada (ha)	Rendimento (t/ha)	Produção (t)	Importação (t)	Exportação (t)	Consumo (t)	Estoques Finais(t)
1990	22.870.000	2,29	52.416.000	95.000	15.161.000	34.903.000	8.955.000
1991	23.477.000	2,30	54.065.000	94.000	18.614.000	36.922.000	7.578.000
1992	23.566.000	2,53	59.612.000	56.000	20.972.000	38.319.000	7.955.000
1993	23.191.000	2,19	50.885.000	175.000	16.006.000	37.318.000	5.691.000
1994	24.609.000	2,78	68.444.000	149.000	22.867.000	42.305.000	9.112.000
1995	24.906.000	2,38	59.174.000	121.000	23.108.000	40.306.000	4.993.000
1996	25.637.000	2,53	64.780.000	242.000	24.110.000	42.317.000	3.588.000
1997	27.968.000	2,62	73.176.000	135.000	23.760.000	47.701.000	5.438.000
1998	28.507.000	2,62	74.598.000	82.000	21.898.000	48.736.000	9.484.000
1999	29.318.000	2,46	72.224.000	114.000	26.537.000	47.388.000	7.897.000
2000	29.303.000	2,56	75.055.000	97.000	27.103.000	49.203.000	6.743.000
2001	29.532.000	2,66	78.672.000	63.000	28.918.000	50.894.000	5.666.000
2002	29.202.000	2,54	74.291.000	54.000	25.583.000	49.949.000	4.479.000

Fonte: *USDA – United States Department of Agriculture*

O Icone – Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (2005) destaca que os gastos com subsídios agrícolas norte americanos, além de serem altos são contraditórios, pois quanto mais recuam os preços maiores são os subsídios recebidos pelos produtores. “O USDA estima que os gastos totais da Commodity Credit Corporation (CCC) passarão de US\$ 10,6 bilhões no ano fiscal 2003/2004, para US\$ 24 bilhões em 2004/2005 e para cerca de US\$ 20 bilhões em 2005/2006”.

2.4.2. Brasil

Um dos principais destaques na exportação de soja no mundo, despontando como forte candidato à maior produtor mundial, o Brasil apresenta esta cultura como exemplo de competitividade da agricultura nacional. Presenciou nas últimas três décadas grandes avanços principalmente àqueles relacionados à incorporação de novas tecnologias e expansão de fronteiras agrícolas, fatores que levaram a um significativo aumento no valor agregado do complexo soja.

Segundo Brum (2002), nos primeiros anos de expansão da cultura sojícola no país, a conjuntura era de bons preços no mercado externo, além de efetuar a comercialização da safra agrícola em período diferente da comercialização do maior produtor mundial. A medida em que a demanda por produtos oriundos do complexo soja aumentou também aumentou a área plantada, principalmente no Brasil, onde encontra-se a maior área com potencial agriculturável do planeta. Dados do Ministério da Agricultura revelam que o país possui 388 milhões de hectares de terras agriculturáveis férteis e de alta produtividade, dos quais 90 milhões ainda não foram explorados.

No entanto, muitas vezes a euforia de ser um dos principais produtores e exportadores mundiais acaba camuflando as deficiências do setor. Conforme Giordano (1999), o Brasil tem como característica a produtividade competitiva até a porteira da fazenda. No transporte até os terminais portuários as vantagens se dissipariam. Corroborando com esta análise a comparação da receita líquida na exportação de soja realizada pela Abiove. É o que demonstra a Tabela 3.

Tabela 3: Comparação da Receita Líquida na Exportação de Soja em Grão em 1997
Brasil, Estados Unidos e Argentina

	Brasil	Estados Unidos	Argentina
Cotação FOB porto	300,00	300,00	300,00
Frete médio até o porto	35,00	15,00	17,00
Despesas portuárias	9,00	3,00	3,00
Impostos	-	-	11,00
Receita Líquida	256,00	282,00	269,00

Fonte: Estimativas da ABIOVE (In Giordano, 1999)

Percebe-se, assim, que o frete médio brasileiro e as despesas portuárias são mais onerosos que àqueles praticados pelos principais concorrentes no ano de 1997, quando efetuada a comparação. Mas, destaca-se que a partir daquela data não houve avanços significativos, pelo contrário, o crescimento da produção aliado à deficiência na infraestrutura de armazenamento e logística causaram relativo prejuízo à nação e ao produtor. No mesmo sentido, constata-se que os custos com fretes, carga tributárias, encargos trabalhistas e impostos vinculados ao faturamento de empresas esmagadoras não teve significativa melhora. Porém, não se pode afirmar que o Brasil não é competitivo na produção de soja, mas sim que ele é competitivo e poderá melhorar a sua situação à medida que os “gargalos”, ou ineficiências obstrutivas ao crescimento sejam extinguidos.

Exemplo da competitividade nacional no complexo soja foi a expansão da produção do Sul do país para as demais regiões. A Figura 8 destaca os locais onde já se cultivava soja em 2003. As mais recentes zonas produtivas são os estados da região norte e nordeste. A Embrapa não disponibilizou dados referentes a alguns estados, nos quais Acre, Tocantins, Pará, Piauí, Rondônia e Roraima, mas estes também constituem-se como produtores do grão.

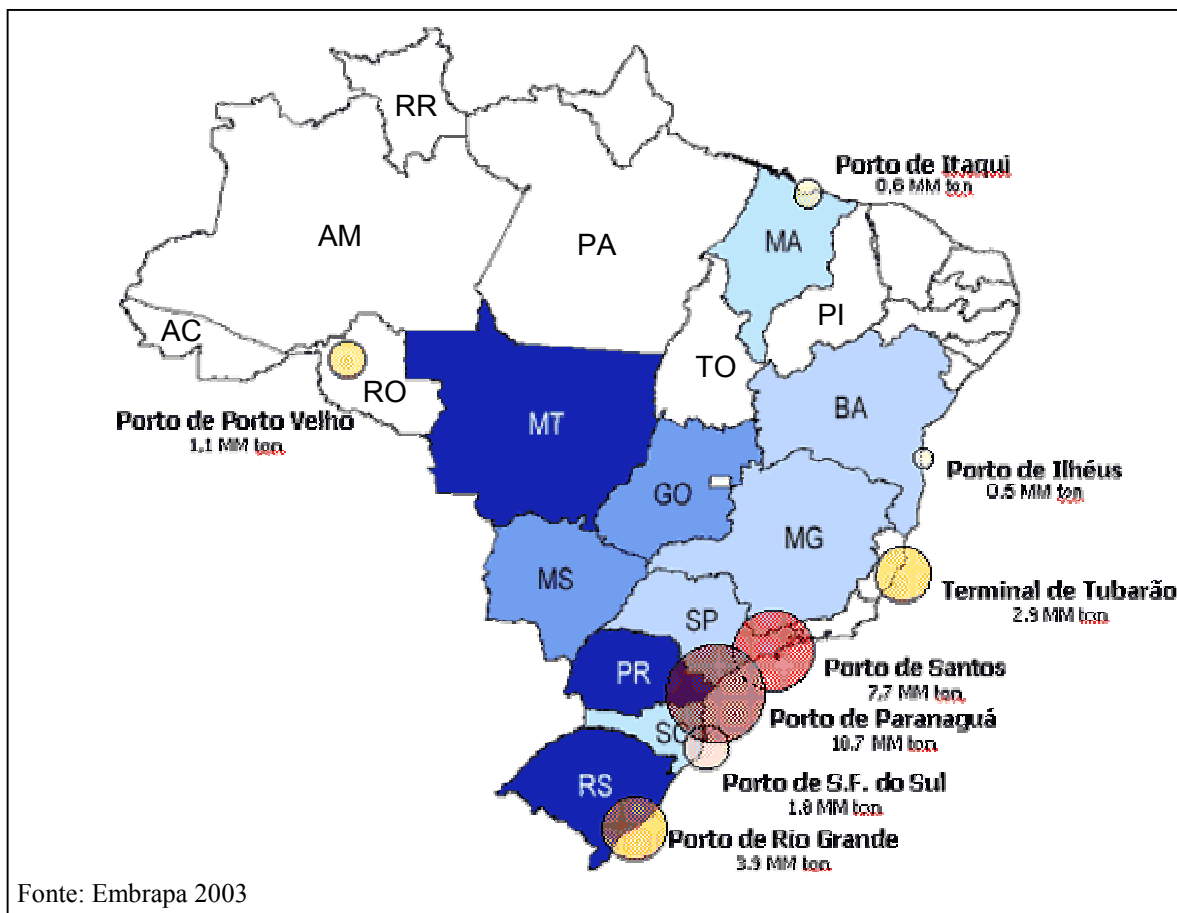


Figura 8: Estados Produtores de Soja e Principais Portos de Escoamento da Produção – Brasil - 2003

Conforme dados da Embrapa, no período de 1975 a 2001, foram incorporados ao processo produtivo de grãos 9,75 milhões de hectares, passando de 28,36 para 38,11 milhões. A cultura que mais se expandiu foi a soja, que passou de 5,82 milhões de ha em 1975 para 13,62 milhões em 2001, ou seja, um crescimento de 134,02% em vinte e seis anos. Somente no Centro-Oeste, 5,6 milhões de hectares foram cultivados em 2001, em comparação com uma área insignificante em 1975. A Figura 9 destaca o crescimento da área e produção da soja no Brasil⁶.

⁶ No decorrer dessa análise encontrou-se diferenças em valores de Fontes distintas, mas as mesmas não são significativas. Optou-se pelos dados da Embrapa por estes serem reconhecidos nacional e internacionalmente.

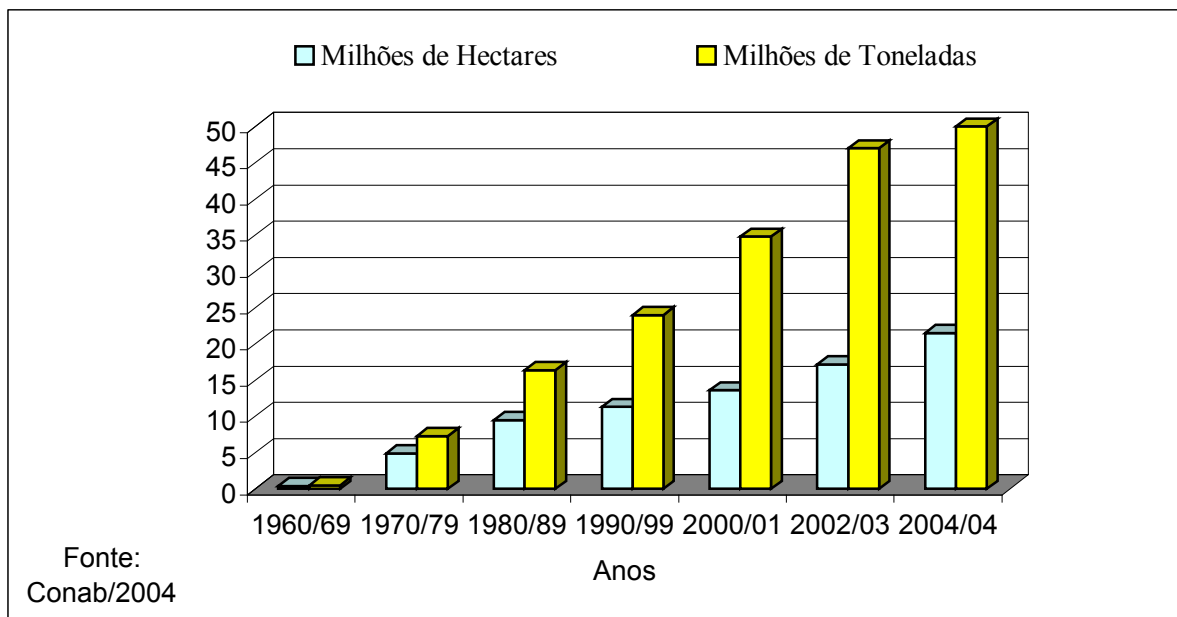
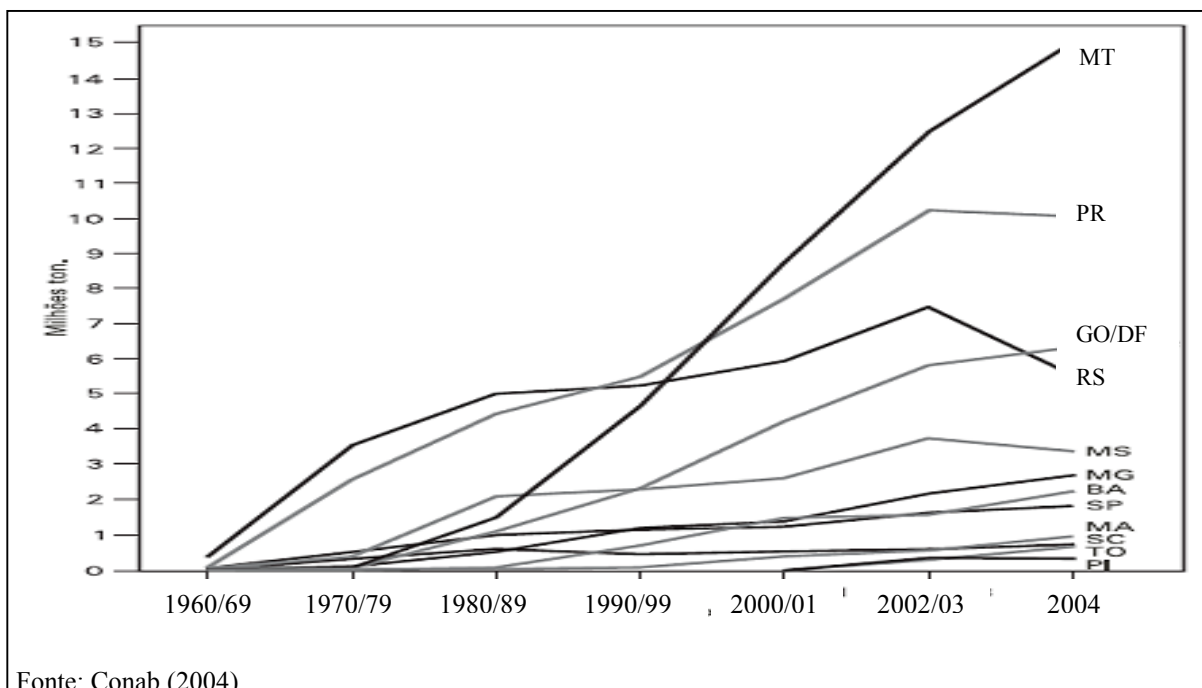


Figura 9: Evolução da Área Plantada e Produção de Soja no Brasil

Neste momento, presencia-se a expansão da fronteira agrícola nos Cerrados do Brasil Central, uma vez que na região Sul as terras agriculturáveis já estão sendo utilizadas em sua totalidade. Os dados nos mostram que é possível aumentar o volume de produção sem se obter um incremento na produtividade, pois ainda existem cerca de 90 milhões de hectares de terras agriculturáveis. No entanto, destaca-se a produtividade crescente no cultivo da soja.

O perfil agrícola brasileiro aliado com o aumento na produtividade, implantação de novas tecnologias no campo e expansão das fronteiras propiciou resultados notáveis. Como mencionado anteriormente, o Brasil é o segundo maior produtor de soja, responsável por, aproximadamente, 25% da produção mundial da oleaginosa, ficando atrás somente dos Estados Unidos. Priorizou a cultura da soja e esta é o principal cultivar agrícola nacional, superando o milho, cana-de-açúcar, feijão, arroz, café, trigo, mandioca e algodão. Por outro lado, se considerar a produção mundial de grãos perceber-se que o volume produzido de milho é superior ao volume de arroz e de trigo superam a produção de soja.

A expansão sojícola brasileira causou modificações na economia de diversas regiões, colocando-as em situação de crescimento e desenvolvimento. Em meados de 1960 o Estado do Rio Grande do Sul era o principal produtor nacional, seguido por Paraná e os demais. Hoje, devido a cultura estar disseminada na maior parte do território nacional encontra-se a seguinte situação, demonstrada na Figura 10.



Fonte: Conab (2004).

Figura 10: Evolução da Produção de Soja por Estado no Brasil

Percebe-se, através do gráfico, o crescimento da produção brasileira à medida em que a cultura se expandiu para outros estados. Ao mesmo tempo, dados da USDA revelam que no período compreendido entre 1990 e 2002 a área plantada cresceu de 9.750 mil hectares para cerca de 18 milhões de hectares, ou seja, houve uma expansão na área plantada de, aproximadamente, 85%, o que é realmente significativo. Ao mesmo tempo em que se expandiu a área plantada, houve adoção de novas tecnologias, fato que aumentou a produtividade média da cultura, passando de 1.620 quilos para 2.830 quilos por hectare plantado; um incremento de 75% na produtividade média. O crescimento da área aliado ao aumento de produtividade impulsionou a produção brasileira que em 1990 era de 15,75 milhões de toneladas para, aproximadamente, 51 milhões de toneladas em 2002. Ou seja, um crescimento de 224%. A mesma tendência de crescimento é revelada ao analisar-se as exportações, que em 1990 eram de 2,478 milhões de toneladas passando para 21 milhões de toneladas em 2002, representando o maior crescimento da história em tão curto espaço de tempo, na ordem de 747%. Também revelam os dados que o consumo cresceu 103% neste mesmo período. A Tabela 4 demonstra a evolução histórica pós 1990 dos números da soja.

Tabela 4: Brasil – Área Plantada, Rendimento/há, Produção/t, Importação/t, Exportação/t, Consumo/t e Estoques Finais/t – 1990 a 2002

Ano	Área Plantada (ha)	Rendimento (t/ha)	Produção (t)	Importação (t)	Exportação (t)	Consumo (t)	Estoques Finais(t)
1990	9.750.000	1,62	15.750.000	126.000	2.478.000	15.297.000	4.971.000
1991	9.700.000	1,99	19.300.000	279.000	3.872.000	16.290.000	4.388.000
1992	10.625.000	2,12	22.500.000	382.000	4.057.000	17.098.000	6.115.000
1993	11.440.000	2,16	24.700.000	110.000	5.427.000	20.042.000	5.456.000
1994	11.680.000	2,22	25.900.000	1.200.000	3.571.000	21.789.000	7.196.000
1995	10.950.000	2,21	24.150.000	1.050.000	3.454.000	23.142.000	5.800.000
1996	11.800.000	2,31	27.300.000	900.000	8.363.000	21.637.000	4.000.000
1997	13.000.000	2,50	32.500.000	900.000	8.750.000	21.500.000	7.150.000
1998	12.900.000	2,43	31.300.000	600.000	8.930.000	22.610.000	7.510.000
1999	13.600.000	2,51	34.200.000	1.000.000	11.161.000	22.910.000	8.639.000
2000	13.934.000	2,80	39.000.000	900.000	15.470.000	24.690.000	8.379.000
2001	16.350.000	2,66	43.500.000	1.100.000	15.000.000	26.911.000	11.068.000
2002	18.000.000	2,83	51.000.000	900.000	21.000.000	31.041.000	10.927.000

Fonte: *USDA – United States Department of Agriculture*

Tal crescimento no setor foi tão elevado e em tão pouco tempo que hoje o país apresenta dificuldades na infraestrutura logística e de armazenamento. O principal modal do transporte é o rodoviário, enquanto que as ferrovias e hidrovias são tipicamente mais eficientes para escoamento da soja produzida no Brasil, pois se transportam grandes volumes através de longas distâncias. Destacam especialistas do setor logístico⁷ que os modais ferroviário e hidroviário exigem um maior tempo de transporte, mas possuem capacidade altamente superior e, quando disponíveis, podem trazer economia de custos e redução de perdas. O papel do modal rodoviário, por sua vez, deveria ser de atuação menos intensa, levando os grãos aos terminais ferroviários ou hidroviários.

O Centro de Estudos em Logística da UFRJ destaca que a infra-estrutura ferroviária e hidroviária do país não é suficiente para realizar o escoamento de grãos. Isto faz com que seja necessária a utilização de caminhões para o transporte de mais da metade da produção de soja brasileira, mesmo quando as distâncias a serem percorridas são elevadas, sabendo-se que um caminhão carrega cerca de 150 vezes menos soja do que uma composição ferroviária e cerca de 600 vezes menos do que um comboio de barcaças numa hidrovia como

⁷ Especialistas do Centro de Estudos em Logística – Coppead – UFRJ.

a do Rio Madeira⁸. Além dessa menor produtividade para longas distâncias e grandes volumes, o transporte rodoviário é mais poluente, gasta mais combustível e registra índices de acidentes muito mais elevados.

Dito isto, torna-se urgente investimentos para melhorar o setor rodoviário, ferroviário e hidroviário, principalmente os portos internacionais (Figura 8) que convivem com dificuldades de escoamento em períodos de safra. Nestes períodos, a capacidade dos portos é mais exigida, principalmente dos situados em Paranaguá, Santos e Rio Grande, por onde passam as maiores quantidades de soja para a exportação.

A pouca disponibilidade de armazenagem, a baixa quantidade de píeres, a falta de coordenação entre o que é enviado e o que pode ser recebido pelo porto, além da demora nos procedimentos burocráticos foram algumas das causas que geraram problemas sérios em Paranaguá no escoamento da safra do primeiro semestre de 2004. As principais conseqüências foram os grandes congestionamentos, tanto em terra quanto no mar: a fila de caminhões que se formou no porto para descarregamento chegou a mais de 120 km e o tempo de espera de navios foi excessivo, chegando ao ponto de um navio aguardar até 60 dias no porto. (HIJAR, 2005)

Ao mesmo tempo percebe-se que as exportações são prejudicadas por dificuldades no acesso aos principais portos, seja por ferrovia ou rodovia e greves⁹ que já se tornaram rotineiras. Estudos realizados pelo CEL/COPPEAD com empresas exportadoras indicam que os portos que realizam escoamento de grãos estão praticamente no limite de suas capacidades, e que se as previsões de aumento de safra se concretizarem, podem ocorrer sérios problemas logísticos com o esgotamento e movimentação nos portos.

Sabendo das projeções de aumento da safra e das exportações de soja brasileira, torna-se fundamental, para a manutenção da competitividade do setor, ações que visem solucionar os problemas acima expostos.

2.4.3. Argentina

Conforme dados do Censo Agropecuário Argentino, este país está situado em uma área de excelentes condições naturais. A região agrícola é um semi-círculo de 580 km de raio, com centro na cidade de Buenos Aires, que engloba as províncias de Santa Fé e

⁸ Conforme Brum (2002) a hidrovia Madeira/Amazonas foi construída com recursos privados do produtor Blairo Maggi e gera uma economia de 20% no transporte.

⁹ Greves de funcionários da Receita Federal, Estivadores e outros que de uma ou outra forma interagem com o comércio internacional.

Córdoba, principalmente, com excelentes condições para os cultivos de soja, trigo, girassol, sorgo, milho, aveia, cevada e centeio. Entre os rios o arroz é o principal cereal cultivado. Em outras regiões, cultivam cana-de-açúcar, algodão, erva-mate, chá, oliva, tabaco, entre outros. É atualmente a quarta potência internacional na produção de grãos. Tornou-se notório em âmbito internacional uma vez que é a primeira exportadora de óleo de soja e a segunda, no mesmo patamar brasileiro, de farelo de soja. Por consequência, a soja é o produto de exportação com maior participação no PIB agropecuário daquele país e maior quantidade de hectares cultivados. A USDA estima que cerca de 74% da produção nacional da oleoproteaginososa é exportada¹⁰.

O principal mercado importador de produtos agrícolas argentinos é o Mercosul, seguido por União Européia, Estados Unidos e China. Até meados de 1999 as compras efetuadas por países oriundos do Mercosul eram significativamente maiores em relação às efetuadas pelos mesmos países no ano de 2003. Destaca-se que o decréscimo das exportações argentinas para o Mercosul se deu, entre outros fatores, em função da desvalorização do Real, feita pelo Brasil, em janeiro de 1999. Ao mesmo tempo, realizando a análise da exportação de produtos do complexo soja por país ver-se-á que China, Itália, Espanha e Holanda são os principais destinos das exportações.

Da mesma forma que o Brasil, a Argentina sofre problemas em relação à proteção de mercados agrícolas pelos países industrializados, os países compradores de soja argentina já chegaram a apresentar restrição pelo fato de alguns mercados priorizarem produtos orgânicos, uma vez que a maior parte da produção argentina é de soja geneticamente modificada. Por outro lado, esta tendência de restrição aos transgênicos está diminuindo paulatinamente.

Ao analisar a evolução da economia da soja na Argentina, percebe-se que houve uma significativa incorporação de tecnologias, com variedades de soja adaptadas a cada região daquele país e evolução do conhecimento e manejo do produto. A indústria moageira goza de respeitável eficiência na produção de óleo e, por isso, mantém até o presente momento a liderança mundial nas exportações deste produto.

¹⁰ Base de dados ano 2002

Os dados de 2002 da USDA mostram que a Argentina foi responsável por 17% da produção mundial de soja, contra 27% do Brasil e 39% dos Estados Unidos. A mesma base de dados destaca que as exportações mundiais da soja argentina correspondem a 15% do total, enquanto que o Brasil representou 34% e os Estados Unidos 41%. Destacam os dados da USDA que entre 1990 e 2002 a área plantada de soja na Argentina teve um acréscimo de 163%, passando de 4.750 mil hectares para 12.500 mil hectares. Durante este período, o rendimento por hectare cultivado foi em média 2.395 quilos. Isto levou a um significativo aumento na produção, a qual passou de 11.500 mil toneladas para 33.500 mil toneladas, ou seja, cresceu 191%. Em relação às exportações o crescimento foi de 108%, enquanto que o consumo elevou-se de 7.451 mil toneladas para 24.690 mil, caracterizando um aumento de 231%. Estes dados são melhor visualizados na Tabela 5 a seguir.

Tabela 5: Argentina – Área Plantada, Rendimento/ha, Produção, Importação, Exportação, Consumo e Estoques Finais em Toneladas – 1990 a 2002

Ano	Área Plantada (ha)	Rendimento (t/ha)	Produção (t)	Importação (t)	Exportação (t)	Consumo (t)	Estoques Finais(t)
1990	4.750.000	2,42	11.500.000	0	4.468.000	7.451.000	3.922.000
1991	4.800.000	2,32	11.150.000	0	3.203.000	8.148.000	3.721.000
1992	4.900.000	2,32	11.350.000	0	2.418.000	8.944.000	3.709.000
1993	5.400.000	2,30	12.400.000	0	3.074.000	9.269.000	3.766.000
1994	5.700.000	2,19	12.500.000	0	2.503.000	9.090.000	4.673.000
1995	5.980.000	2,08	12.430.000	10.000	2.087.000	10.811.000	4.215.000
1996	6.200.000	1,81	11.200.000	300.000	750.000	11.565.000	3.400.000
1997	6.954.000	2,80	19.500.000	1.250.000	3.230.000	13.746.000	7.174.000
1998	8.165.000	2,45	20.000.000	500.000	3.233.000	18.407.000	6.034.000
1999	8.583.000	2,47	21.200.000	465.000	4.131.000	18.045.000	5.523.000
2000	10.400.000	2,67	27.800.000	420.000	7.415.000	18.400.000	7.928.000
2001	11.400.000	2,63	30.000.000	300.000	6.005.000	22.037.000	10.186.000
2002	12.500.000	2,68	33.500.000	300.000	9.300.000	24.690.000	9.996.000

Fonte: USDA – United States Department of Agriculture (2004)

2.4.4. China

O mercado Chinês para o Brasil é fundamental, os brasileiros são o maior parceiro comercial da China na América Latina e a China é o segundo maior parceiro comercial do Brasil na Ásia¹¹. Segundo informações da Embaixada Chinesa, foi no ano de 1974 que os

¹¹ Fonte: Embaixada da China em Brasília

dois países estabeleceram relações diplomáticas. Naquele ano, o valor total do comércio foi de US\$ 17,42 milhões.

A mesma Embaixada destaca que, durante a década de 80, o valor total do comércio bilateral chegou, em média, aos US\$ 755 milhões por ano, e, na década de 90, aumentou para US\$ 1,494 bilhões. Já, em 2000, o valor total do comércio bilateral alcançou para US\$ 2,845 bilhões, e, no ano de 2001, o volume comercial aumentou 30% em comparação com o ano de 2000, atingindo US\$ 3,698 bilhões, sendo 211 vezes maior do que o do ano de 1974. No ano de 2001, a China importou US\$ 2,347 bilhões e exportou US\$ 1,351 bilhões, com o déficit de US\$ 996 milhões. Não obstante, no ano de 2002, o valor total do comércio bilateral atingiu US\$ 4,469 bilhões, quebrando um recorde histórico, uma vez que superou a barreira dos 4 bilhões. Ambos os países consideram a outra parte como um dos mercados mais importantes para a diversificação do mercado.

Conforme Brum (2002), em meados de 1900, a China era o principal produtor mundial de soja, com uma produção estimada em 2,5 milhões de toneladas, no entanto o comércio era limitado, uma vez que boa parte da produção destinava-se ao mercado interno. Por sua vez as necessidades do mercado interno chinês teve maior crescimento que a produção. Em meados de 1980 este país tornou-se importador líquido do grão, do farelo e do óleo. Entre os determinantes ao aumento nas importações de soja chinesas, cita-se a perda de força por parte da produção de soja na China e os investimentos em indústrias moageiras naquele território.

O vigor, as perspectivas do mercado, a mudança na política de importação do mercado chinês e os custos mais baixos para implantação de novas plantas atraíram moageiras como Bunge y Born, Cargil, ADM et Louis Dreyfus para a China. A migração de grandes multinacionais diversificou o mercado de moagem daquele país, passando a contar com uma indústria construída por empresas competitivas internacionais, empresas públicas e empresas locais de pequeno porte que se caracterizam pelos baixos índices de competitividade.

No pós II Guerra, as áreas destinadas ao plantio de soja foram cedendo espaços, especialmente para cereais, entre os quais, milho, trigo e arroz. Este fator foi determinante para a consolidação dos produtores de soja situados no continente americano, uma vez que o

Japão e a Europa apresentavam carências para a implantação do modelo de arraçamento animal exportado pelos Estados Unidos.

No período compreendido entre 1990 e 2002, conforme dados da USDA a produção de soja na China cresceu 34%, contra 191% da Argentina, 224% do Brasil e 42% dos Estados Unidos. Brum (2002) destaca que, no início do século XXI, os rendimentos da soja na China situavam-se abaixo do rendimento mundial médio e abaixo da produtividade média norte-americana. Estes dados são facilmente confirmados ao analisar-se o rendimento médio por hectare plantado e constatar que a produção média da soja chinesa, no pós 1990, foi de 1.647 quilos contra 2.497 quilos por hectare nos Estados Unidos.

Outro fator apontado por Brum é que mesmo com o declínio da soja neste país, a oleaginosa possui grande potencial no sistema alimentar nacional chinês.

Os germes de soja e o tofu (queijo de soja) são muito populares no regime alimentar rural chinês. O consumo de tofu, germes de soja, leite e óleo de soja é importante também nas zonas urbanas. Assim, a demanda de soja como bem alimentar deverá continuar a crescer, pelo menos no ritmo do aumento populacional. (BRUM. 2002)

No entanto, mesmo sendo a China um grande consumidor de soja, este produto é considerado complementar, em relação ao arroz, trigo e milho que são considerados indispensáveis. Cabe ressaltar que nestes últimos anos a produção nacional chinesa supriu o consumo do mercado interno até o ano de 1994. A partir de 1995 o consumo superou a produção, exigindo importações maiores.

Tabela 6: China – Área Plantada, Rendimento/ha, Produção, Importação, Exportação, Consumo e Estoques Finais em Toneladas – 1990 a 2002

Ano	Área Plantada (ha)	Rendimento (t/ha)	Produção (t)	Importação (t)	Exportação (t)	Consumo (t)	Estoques Finais(t)
1990	7.560.000	1,46	11.000.000	1.000	1.288.000	9.713.000	0
1991	7.041.000	1,38	9.710.000	136.000	1.090.000	8.756.000	0
1992	7.221.000	1,43	10.300.000	150.000	300.000	10.150.000	0
1993	9.454.000	1,62	15.310.000	125.000	1.100.000	14.335.000	0
1994	9.222.000	1,73	16.000.000	155.000	394.000	15.761.000	0
1995	8.127.000	1,66	13.500.000	795.000	222.000	14.073.000	0
1996	7.470.000	1,77	13.220.000	2.274.000	195.000	14.309.000	990.000
1997	8.346.000	1,76	14.728.000	2.940.000	168.000	15.472.000	3.018.000
1998	8.500.000	1,78	15.152.000	3.850.000	187.000	19.929.000	1.904.000
1999	8.000.000	1,79	14.290.000	10.100.000	230.000	22.894.000	3.170.000
2000	9.300.000	1,66	15.400.000	13.245.000	208.000	26.697.000	4.910.000
2001	9.480.000	1,63	15.410.000	10.385.000	300.000	28.115.000	2.290.000
2002	9.400.000	1,74	16.400.000	15.000.000	275.000	31.050.000	2.365.000

Fonte: *USDA – United States Department of Agriculture (2004)*

2.5. Principais Países Consumidores de Soja no Mundo

A União Européia, a China e o Japão caracterizam-se como os principais consumidores mundiais de produtos do complexo soja. Constituem-se como mercados de alto poder aquisitivo e relativa dependência dos volumes importados para a alimentação animal e humana. O mercado chinês é muito promissor para a soja e, em 2003, destacou-se por ter importado um volume que superou ao somatório das importações de Holanda, Japão, Alemanha, México e Espanha, principais importadores mundiais juntamente com a China. A Tabela 7 demonstra a quantidade importada de soja dos seis maiores importadores mundiais.

Tabela 7: Maiores Importadores Mundiais de Soja
(Milhão de toneladas)

País	1998	2001	2002	2003
China	5.1	16.4	13.9	23.2
Holanda	5.5	6.2	5.6	5.4
Japão	4.8	4.8	5.0	5.2
Alemanha	3.5	4.6	4.3	4.5
México	3.5	4.5	4.4	4.2
Espanha	3.2	3.4	3.4	3.1

Fonte: *USDA – United States Department of Agriculture (2004)*

Como destacado anteriormente, o complexo soja é composto por grão, farelo e óleo. Via de regra, os maiores importadores de grãos não são os maiores importadores de farelo e óleo. As práticas protecionistas e infraestrutura para processamento da soja, muitas vezes, inibem as importações de bens de valor agregado, como é o caso do farelo e do óleo.

Para processar a soja importada, estima-se que 30 grandes empresas de trituração, cada uma com capacidade superior a 1.000 toneladas/dia, além das pequenas empresas públicas e privadas, estejam operando na China. Para Brum (2002), a mudança nos rumos da política de importação chinesa forçou a transferência de grandes unidades na América para aquele país, cujo mercado encontra-se em plena expansão. Ao mesmo tempo, a indústria europeia de trituração e refino possui grande capacidade para transformar o grão em farelo e óleo.

2.5.1. Importações Mundiais de Soja em Grão

Conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior – SECEX, já em 2001, a China era o destino de 20,4% das exportações brasileiras de Soja em grãos. Passados três anos, em 2004, as compras chinesas representaram 29,5% das exportações brasileiras de soja em grãos. Conforme Brum (2002), o país em questão detém mais de 20% da população mundial e cerca de 7% das terras cultiváveis do mundo, caracterizando-se, então, como um dos mercados com maiores potenciais de crescimento do mundo.

Na análise específica deste país, verifica-se que o aumento do consumo do grão foi provocado, principalmente, pelos investimentos realizados em indústrias moageiras públicas e privadas. Em 1990, o país chinês importava 1.000 toneladas por ano e, em apenas 12 anos, em 2002, chegou a marca de 15 milhões de toneladas/ano, configurando, assim, um aumento de 1.500%. No mesmo período, as exportações passaram de 1.288 mil de toneladas para 275 mil, ou seja, um crescimento negativo na ordem de 79%. O consumo, como demonstra a Figura 11, apresentou crescimento de 220%, superando o volume produzido que cresceu apenas 49%.

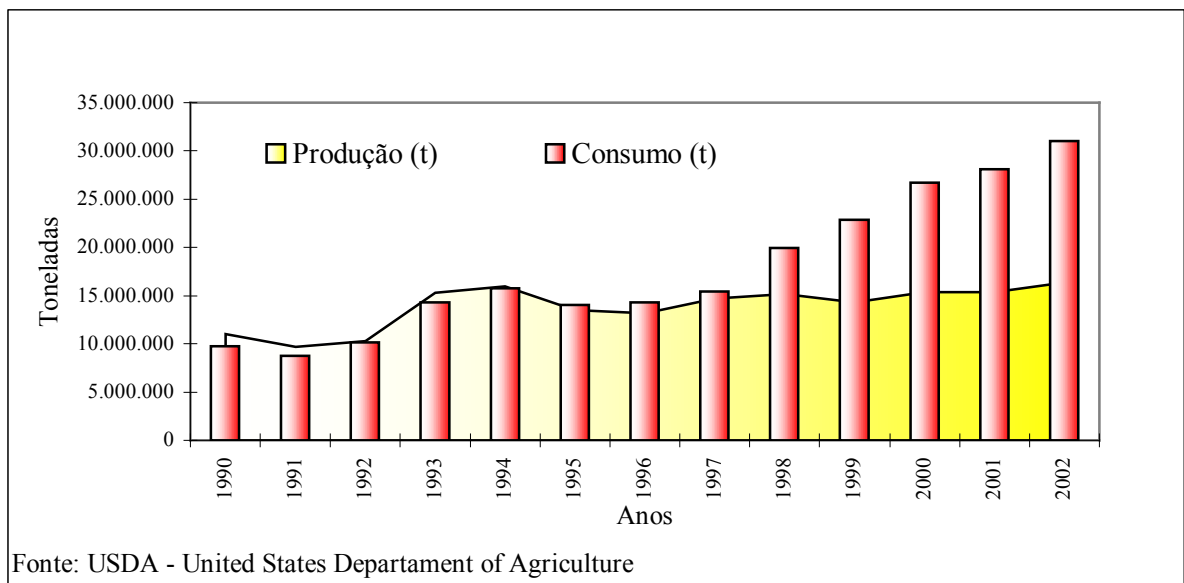


Figura 11: Produção e Consumo de Soja na China – 1990/2002.

Ao analisar o mercado sojícola Europeu, principal destino da soja em grãos produzida no Brasil, verifica-se que a Holanda, isoladamente, absorveu em média 19% das exportações brasileiras de soja em grãos no período 2001/2004. O mesmo comportamento é percebido ao analisar as exportações de farelo de soja, onde se constata que no período 2001/2004 28,6% das exportações brasileiras foram destinadas ao mesmo país europeu. Neste país, o comércio é promissor para o complexo soja brasileiro a ponto de, mesmo com todas as barreiras tarifárias, caracterizar-se como o principal importador europeu do óleo de soja brasileiro, comprando em 2004, aproximadamente, 2,4% do volume exportado em óleo de soja pelo Brasil ou 59.434 toneladas no ano de 2004 ante 32.209 toneladas no ano de 2003.

Na Tabela 8, percebe-se que, em 2004, a China foi o principal mercado para a soja brasileira, importando de 5.678.005 toneladas, equivalente a 29,5% do volume de exportações neste item. Outro mercado fundamental para a soja brasileira é o holandês, cujas importações somaram 3.569 mil toneladas e 18,5% do volume exportado brasileiro. No mesmo sentido, o mercado alemão absorveu 1.635 mil toneladas de soja brasileira, 8,5% do total exportado e o mercado espanhol consumiu 1.542 mil toneladas, representando 8% das exportações brasileiras de soja em grão. Sendo assim, percebe-se que a União Européia, representada por Alemanha, Espanha, França, Itália, e Países Baixos (Holanda) absorveram 35,9% das exportações brasileiras de soja em grãos, enquanto que a China obteve representatividade na casa dos 29,5%.

Tabela 8: Exportações Brasileiras por Países de Destino: Soja em Grãos

Países de Destino	2001		2002		2003		2004	
	Quant. (t)	Part. %	Quant. (t)	Part. %	Quant. (t)	Part. %	Quant. (t)	Part. %
Alemanha	1.573.611	10,0%	1.587.799	9,9%	2.206.528	11,1%	1.635.513	8,5%
China	3.192.323	20,4%	4.142.665	25,9%	6.101.943	30,7%	5.678.005	29,5%
Espanha	1.367.763	8,7%	1.209.718	7,6%	1.569.663	7,9%	1.542.159	8,0%
França	459.045	2,9%	501.578	3,1%	579.156	2,9%	173.982	0,9%
Itália	727.808	4,6%	521.300	3,3%	773.353	3,9%	862.255	4,5%
Japão	768.490	4,9%	712.223	4,5%	625.293	3,1%	381.047	2,0%
Holanda	3.319.068	21,2%	2.946.293	18,4%	3.669.291	18,4%	3.569.138	18,5%
Outros	4.267.436	27,2%	4.348.426	27,2%	4.365.239	21,9%	5.405.590	28,1%
SOMA	15.675.543		15.970.002		19.890.466		19.247.689	

Fonte: SECEX e Conab: e-mail: geint@conab.gov.br

Dados Sujeitos a Alteração

Soja em Grão: NCM 1201.00.00 a 1201.00.99

Em meio a este cenário, cabe destacar que o Japão, com uma população de, aproximadamente, 125 milhões de pessoas, figura entre os maiores importadores mundiais de produtos agrícolas. A USDA estima que este mercado importa cerca de US\$ 30 bilhões em produtos agrícolas por ano. Ao mesmo tempo, é um grande importador de derivados do complexo soja, tendo como seu principal fornecedor os Estados Unidos. Também importa soja do Brasil, mas em um patamar relativamente mais baixo. Este mercado representou, em 2001, 4,9% das exportações brasileiras, mas a partir deste ano os dados indicam que os volumes enviados ao Japão diminuíram para 2% no ano de 2004.

2.5.2. Importações Mundiais de Farelo de Soja:

Diferentemente do mercado do grão, onde a China caracteriza-se como o principal importador da soja brasileira, no mercado do farelo de soja este país apresenta números pouco significativos para a totalidade do comércio. Os países da União Européia mostram-se o grande mercado consumidor do farelo de soja brasileiro.

Os países europeus operam com relativo déficit entre produção e consumo de grãos oleaginosos e farelos, ou proteínas e óleo, e consomem uma quantidade efetivamente maior do que a produzida. Brum (2002) destacou que no pós II Guerra, mais precisamente em meados de 1950, o modelo norte americano de arração animal ganhou espaço e, junto com ele, uma forte dependência do farelo de soja importado. Porém, eventos

conjunturais levaram os Estados Unidos a declarar o embargo às exportações de grãos e farelo no ano 1973. Esta atitude induziu o bloco europeu a uma maior diversificação nos fornecedores de soja, ao mesmo tempo em que incentivou a instalação de indústrias moageiras em seu território e estimulou a produção local de óleoproteaginosas¹². Concomitante a isto, buscou desenvolver um novo sistema e arraçoamento animal calcado na diversificação de fontes protéicas e a soja continuou sendo necessária, mas não imprescindível. Em muitos casos, esta diversificação protéica teve como fonte matérias-primas vindas de animais, mas com o advento da crise da “vaca louca”, em meados de 1990 as fontes protéicas baseadas em farinhas animais foram suspensas, uma vez que pesquisas indicaram este ser o responsável pela doença, ocasionando assim o desenvolvimento de um novo plano que primou pelo desenvolvimento de novas técnicas ligadas à biotecnologia e clonagem de Genes para a transformação de oleaginosas.

Foi a partir do embargo americano de 1973 que a produção brasileira passou a ser valorizada e incentivada, lançando a soja gaúcha para os demais estados brasileiros.

À medida que os anos passaram, as relações comerciais entre Brasil e Europa cresceram significativamente e hoje os dados da Secretaria de Comércio Exterior – Secex apontam que, em 2004, Alemanha, Espanha, França, Itália, e Holanda absorveram 64,2% das exportações brasileiras de farelo de soja. Holanda com 4.068 mil toneladas foi responsável por 28,1% das exportações brasileiras, enquanto que França com 3.021.498 toneladas foi responsável por 20,9% das exportações brasileiras deste item.

¹² Grãos com capacidade de produzir óleo e proteína.

Tabela 9: Exportações Brasileiras por Países de Destino: Farelo de Soja

Países de Destino	2001		2002		2003		2004	
	Quant. (t)	Part. %	Quant. (t)	Part. %	Quant. (t)	Part. %	Quant. (t)	Part. %
Alemanha	839.990	7,5%	593.224	4,7%	902.158	6,6%	1.062.345	7,3%
China	-	0,0%	-	0,0%	-	0,0%	100	0,0%
Dinamarca	167.035	1,5%	46.498	0,4%	110.085	0,8%	60.218	0,4%
Espanha	337.005	3,0%	454.017	3,6%	315.220	2,3%	652.643	4,5%
França	2.717.632	24,1%	2.758.033	22,0%	2.625.168	19,3%	3.021.498	20,9%
Itália	678.492	6,0%	594.052	4,7%	656.429	4,8%	494.030	3,4%
Holanda	3.153.433	28,0%	3.633.451	29,0%	3.962.254	29,1%	4.068.020	28,1%
Polônia	62.971	0,6%	18.236	0,1%	30.030	0,2%	-	0,0%
Outros	3.314.171	29,4%	4.419.643	35,3%	5.000.814	36,8%	5.126.768	35,4%
SOMA	11.270.729		12.517.154		13.602.158		14.485.621	

Fonte: SECEX e Conab: e-mail: geint@conab.gov.br

Dados Sujeitos a Alteração

Soja Farelo: NCM 2304.00.00 a 2304.00.99

Brum (2002) confirma que a União Européia possui uma necessidade crescente por proteína vegetal e a soja está em posição privilegiada, uma vez que esta *commodity* tem mercado organizado e constituído em torno da Bolsa de Mercados e Futuros de Chicago (*Chicago Board of Trade - CBOT*), facilitando as transações, vem se apresentando como uma das proteínas mais baratas do mundo de relação custo/benefício, com alta viabilidade econômica. Ao mesmo tempo, destaca que os produtores se adaptam facilmente ao consórcio cereais-soja para alimentação animal, além de as razões logísticas favorecem o uso do farelo, pois as regiões criadoras estão próximas das regiões portuárias. Portanto, acredita-se que o consumo do farelo de soja estará sempre ligado à produção de leite e carne naquela região.

Apesar de uma situação de déficit considerável, o modelo europeu de criação animal demonstra um apetite por proteínas vegetais que não parece diminuir. A Europa bate mesmo recordes chegando a mais de 1 quilo de farelo consumido por 1 quilo de carne produzida desde o início dos anos de 1980. E nada parece indicar que, apesar da situação deficitária, a Europa tenha administrado a proteína como sendo recurso que deve ser economizado. (BRUM, 2002)

2.5.3. Importações Mundiais de Óleo de Soja:

Em relação ao óleo de soja, percebe-se que os países do Continente Asiático são os principais importadores mundiais. São fornecedores deste mercado, principalmente, Estados Unidos, Brasil e Argentina. Ao mesmo tempo, o mercado Europeu é outro grande consumidor, mas o consumo em larga escala de outros óleos como o de palma, girassol e colza, aliados às tarifas protecionistas existentes, prejudicam a competitividade do óleo de soja brasileiro.

Em relação ao óleo, percebe-se que o consumo per capita chinês é crescente, mas comparado aos demais países asiáticos como Taiwan, Coreia do Sul e Japão verifica-se que este ocorre em patamares inferiores. Enquanto uma pessoa de Taiwan consome em média 20kg/ano de óleo de soja e um coreano (Coreia do Sul) 10kg/ano, o japonês e o chinês consomem cerca de 5kg/ano. Demonstrem-se estes dados através da Figura 12 a seguir:

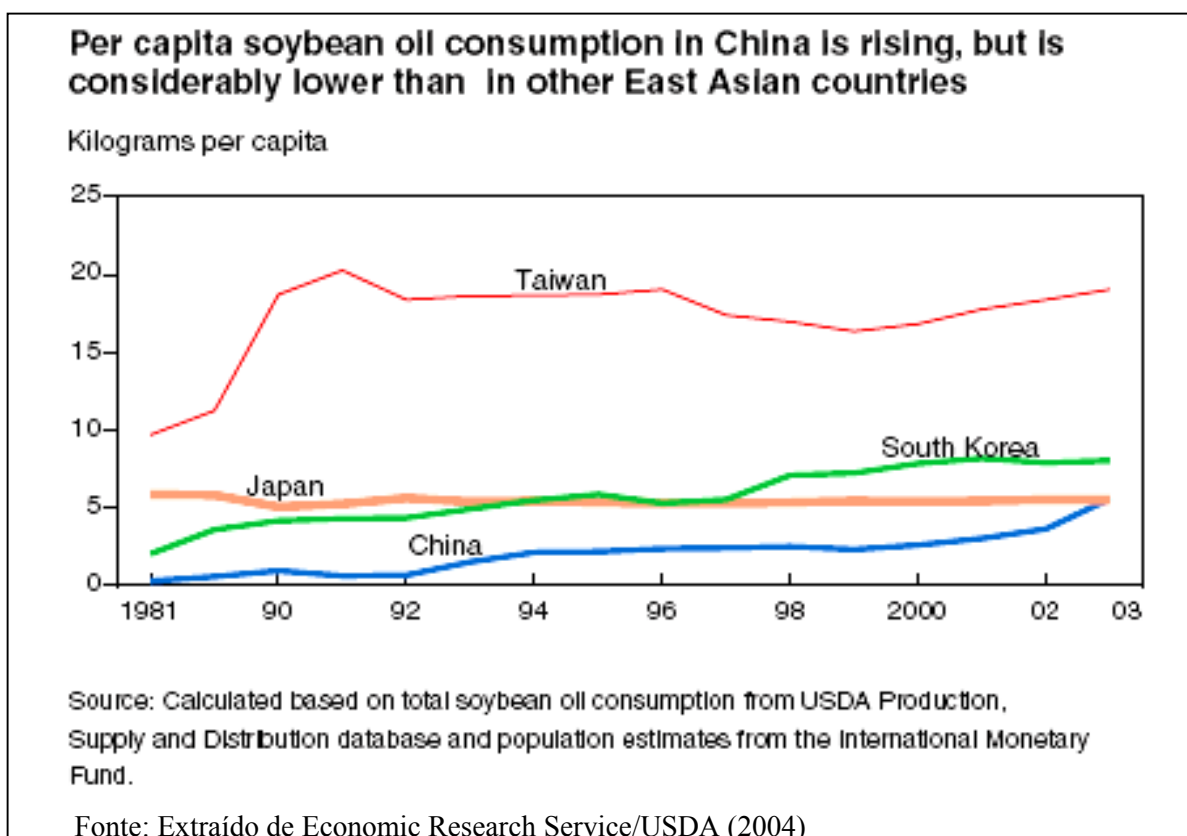


Figura 12: Consumo Per Capita de Óleo de Soja – Ásia – 1981/2003

Ao mesmo tempo, constata-se que o consumo per capita chinês de óleo de soja é crescente e devido à super população do país, apresenta-se como um dos maiores consumidores mundiais. Conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior – SECEX, já em 2001, a China era o destino de 0,6% das exportações brasileiras de óleo bruto, refinado e outros. Passados três anos, em 2004, as compras chinesas representaram 35,2% das exportações brasileiras de óleo bruto, refinado e outros. Assim, entre os principais importadores do óleo brasileiro estão, além da China, Irã que representou 25,4%, Bangladesh com níveis próximos a 3,8%, Holanda consumindo 2,4% do volume brasileiro exportado, Hong Kong com 1,8%, Paquistão, aproximadamente, com 0,4% e demais países do mundo que representaram 31,1% em 2004. Maiores detalhes na Tabela 10 a seguir.

Tabela 10: Exportações Brasileiras por Países de Destino: Óleo Bruto, Refinado e Outros

Países de Destino	2001		2002		2003		2004	
	Quant. (t)	Quant. %	Quant. (t)	Quant. %	Quant. (t)	Quant. %	Quant. (t)	Quant. %
Bangladesh	161.350	11,4%	77.465	4,0%	91.469	3,7%	94.514	3,8%
China	8.000	0,6%	299.048	15,5%	544.265	21,9%	882.866	35,2%
Irã	404.622	28,6%	573.345	29,6%	960.328	38,6%	636.077	25,4%
Paquistão	23.300	1,6%	3.600	0,2%	12.944	0,5%	9.850	0,4%
Holanda	9.513	0,7%	1.404	0,1%	32.209	1,3%	59.434	2,4%
Hong Kong	6.000	0,4%	81.960	4,2%	104.928	4,2%	44.820	1,8%
Outros	804.003	56,7%	897.566	46,4%	739.844	29,8%	778.916	31,1%
SOMA	1.416.788		1.934.388		2.485.987		2.506.477	

Fonte: SECEX e Conab: e-mail: geint@conab.gov.br

Dados Sujeitos a Alteração

Óleo Bruto, Refinado e Outros: NCM 1507.10.00 a 1507.90.90

Devido às grandes quantidades consumidas pela população chinesa e a política governamental de incentivo à indústria moageira naquele país, verificou-se a disposição chinesa à adoção de barreiras tarifárias e não tarifárias. Exemplo foi a implantação de uma nova regra cuja principal exigência é a redução dos níveis de hexano no óleo bruto. Conforme técnicos, o hexano é um gás derivado de petróleo, usado no processo de extração do óleo do grão da soja. A imposição chinesa é o limite 100 partes por milhão de hexano no óleo. Mas, segundo a Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura¹³, o nível médio usado pela indústria é de 600 partes por milhão. A Abiove entende que a referida lei faz parte da estratégia chinesa de reduzir a importação de óleo e farelo para expandir o beneficiamento do grão no próprio país. Ao mesmo tempo, classifica a medida como desrespeito a compromissos firmados na Organização Mundial do Comércio (OMC) com relação a procedimentos sanitários e fitossanitários.

2.6. Produção e Consumo da Soja no Brasil – Grão, Farelo e Óleo

O Brasil possui um parque industrial competitivo, formado, em essência, por multinacionais como Bunge Alimentos, Cargill Agrícola S/A, ADM Brasil Ltda entre outras. Conforme estatísticas da Abiove (2005), o Estado do Paraná possui a maior capacidade de processamento do grão no país com 31.765 toneladas/dia, equivalente a 24,1% da capacidade brasileira. Mato Grosso e Rio Grande do Sul, também, aparecem em lugar de destaque com

¹³ Fonte Reportagem Globo Rural. <http://www.revistagloborural.globo.com/GloboRural/0,6993,EEC812735-1931,00.html>

15,6% e 15,0% respectivamente. Ao analisar a capacidade instalada de todo o país, percebe-se que é possível efetuar o processamento de 131.768 toneladas por dia.

Analistas de mercado entendem que a indústria moageira nacional foi desestimulada pela implantação da Lei Kandir (Lei Complementar nº 87 de 13/09/96), uma vez que esta desonerou as exportações de matéria-prima, dentre as quais a soja. A Lei aliada às restrições comerciais impostas por outros países e carga tributária comprometeu seriamente a viabilidade da indústria de óleos vegetais, que sempre foi um dos *players* mais dinâmicos da pauta de exportações brasileiras. Como consequência várias unidades industriais paralisaram suas atividades, uma vez que a redução nas exportações inviabilizou a produção de determinadas unidades

Conforme dados da Abiove (2005), a indústria de esmagamento brasileira está operando com, aproximadamente, 21% de sua capacidade. Ao mesmo tempo, percebe-se que a capacidade instalada¹⁴ para esmagamento aumentou 22% entre os anos 2000/04 enquanto que, no mesmo período, o volume esmagado cresceu 28,8%. Portanto, em relação à capacidade de esmagamento verifica-se que a indústria está operando com, aproximadamente, 80% de ociosidade, fato agravado pela Lei Kandir.

Entende-se por processamento a atividade de esmagamento do grão e extração do farelo de soja e óleo bruto. Após esta etapa, o óleo é levado à degomagem e refino. Neste sentido, percebe-se que o parque fabril brasileiro tem excedente, pois do esmagamento diário de soja se tira 18,5% de óleo, o que equivale, pelo volume esmagado, registrado em 2003/04, um total de 5.142 toneladas/dia. Assim, haveria uma ociosidade de refino da ordem de 71% se levarmos em conta apenas a soja produzida em território nacional. Isto não impediu que a capacidade instalada de refino crescesse 11,3% entre 2000/01 e 2003/04. A Figura 13 demonstra a relação entre capacidade de esmagamento, esmagamento e capacidade de refino.

¹⁴ Inclui as unidades paralisadas.

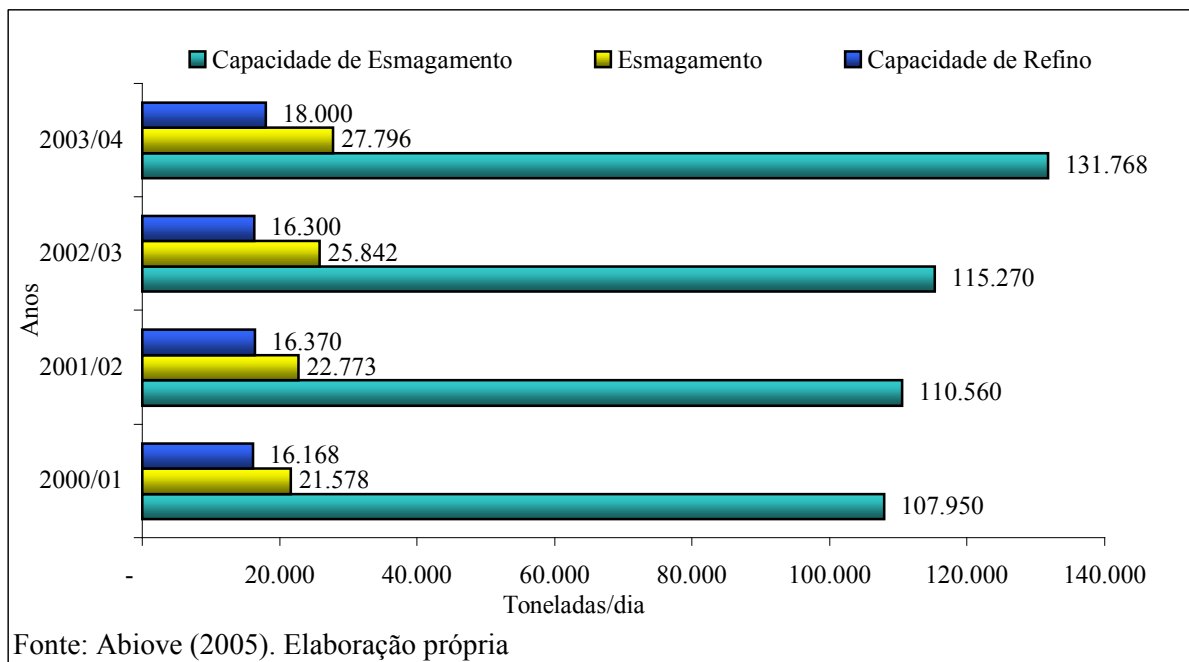


Figura 13: Brasil – Capacidade de Esmagamento X Esmagamento X Refino

Logo após o esmagamento e o refino, o óleo está pronto para o envase, bem como seus derivados estão prontos para a comercialização. Analisando a capacidade instalada para envase, verifica-se que entre os estados brasileiros, São Paulo detém a maior planta, correspondendo a 30,3% da capacidade nacional. É seguido por Goiás e Rio Grande do Sul, com 14,7% e 12,6% respectivamente. Paraná aparece como a quarta potência nacional, com capacidade de enlatar 1.381 toneladas ao dia, o que corresponde 10% do total brasileiro. A Tabela 11 destaca esta relação, além do crescimento entre 2001 e 2004 de cada unidade da Federação e do país como um todo.

Tabela 11: Brasil – Capacidade de Envase – Unidades Ativas e Inativas

ESTADO	UF	Capacidade de Envase				%
		2001 (ton/dia)	2002 (ton/dia)	2003 (ton/dia)	2004 (ton/dia)	
Paraná	PR	2.302	1.890	1.905	1.381	10,0
Mato Grosso	MT	600	600	745	945	6,9
Rio Grande do Sul	RS	2.370	2.370	1.800	1.740	12,6
Goiás	GO	1.370	1.370	1.570	2.020	14,70
São Paulo	SP	3.836	3.310	4.080	4.170	30,3
Mato Grosso do Sul	MS	690	690	540	540	3,9
Minas Gerais	MG	968	1.070	1.034	1.034	7,5
Bahia	BA	795	1.195	1.000	1.000	7,3
Santa Catarina	SC	450	450	450	450	3,3
Piauí	PI	180	180	180	180	1,3
Amazonas	AM	-	-	-	230	1,7
Pernambuco	PE	500	300	230	80	0,6
Ceará	CE	33	-	-	-	
TOTAL		14.094	13.425	13.534	13.770	

Fonte: Abiove (2005)

Verifica-se, assim, que a capacidade brasileira de envase encolheu 2,3% entre 2001 e 2004, passando de 14.094 toneladas/dia para 13.770 toneladas/dia.

Conforme a Embrapa (2004), o consumo interno de soja deverá crescer, estimulado por políticas oficiais destinadas a aproveitar o enorme potencial produtivo do País que está excessivamente dependente do mercado externo. Já a Abiove (2005) destaca um consumo interno maior de óleo e farelo. Segundo a entidade, o consumo interno de farelo para o ano comercial 2005/2006 deverá ser de 8,9 milhões de toneladas enquanto que o consumo de óleo de soja deve subir para 3,2 milhões de toneladas no período.

As estatísticas apontam que, no ano comercial 2003/04, o consumo interno de farelo de soja foi de 7.878 mil toneladas, ante a uma produção de 21.407 mil toneladas. Neste sentido, percebe-se que cerca de 36,8% do farelo produzido foi destinado ao consumo interno, enquanto que, perto de 63,4%, foi destinado ao mercado internacional. A Tabela 12 destaca esta relação, além da produção mensal de farelo de soja para o ano em análise.

Tabela 12: Farelo de Soja – Estoque, Produção, Importação, Exportação e

Consumo Interno 2003/2004 (em 1000 toneladas)

FARELO	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
Estoque Inicial	622	450	923	1.193	1.084	1.051	1.057
Produção	1.035	1.817	1.966	2.124	2.026	2.079	2.149
Importação	27	14	18	20	24	24	22
Exportação	650	716	1.014	1.578	1.401	1.301	1.330
Consumo Interno	584	642	700	675	683	796	682
Estoque Final	450	923	1.193	1.084	1.051	1.057	1.216

FARELO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV/JAN
Estoque Inicial	1.216	1.161	1.281	1.344	1.184	
Produção	1.963	1.935	1.776	1.518	1.019	21.407
Importação	17	37	35	28	23	288
Exportação	1.353	1.162	1.181	1.054	836	13.577
Consumo Interno	682	688	567	653	528	7.878
Estoque Final	1.161	1.281	1.344	1.184	862	

Fonte: Abiove/Secex (2005)

(1) As amostragens de fevereiro de 2003 a janeiro de 2004 foram revisadas para 100% do setor.

(2) Foram incluídas as importações oficiais de farelo e óleo (bruto e refinado) de soja efetuadas por empresas não esmagadoras até janeiro de 2004.

(3) As importações oficiais de soja em grão de fevereiro de 2003 a janeiro de 2004 totalizaram 1.124 mil toneladas.

Ao analisar o consumo do óleo de soja no ano comercial 2003/2004, percebe-se que a demanda interna deste é, relativamente, mais baixa que a demanda do farelo de soja, 2.962 mil toneladas contra 7.878 mil toneladas. Ao mesmo tempo, destaca-se que 55,4% da produção de óleo de soja foi destinada ao mercado interno, contra 36,8% do farelo. Também, percebe-se e apresenta-se como destaque o fato de o consumo interno superar o volume exportado, uma vez que são consumidos 2.962 mil toneladas e exportadas 2.402 mil toneladas. As relações pertinentes a esta análise estão apresentadas na Tabela 13.

Tabela 13: Óleo de Soja – Estoque, Produção, Importação, Exportação e Consumo Interno 2003/2004 (em 1000 toneladas)

ÓLEO	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
Estoque Inicial	170	158	232	315	322	288	243
Produção	258	453	489	529	507	518	535
Importação	14	1	6	6	0	1	1
Exportação	62	138	163	255	292	300	240
Consumo Interno	222	243	248	274	248	264	267
Estoque Final	158	232	315	322	288	243	272

ÓLEO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV/JAN
Estoque Inicial	272	324	297	298	339	
Produção	497	484	448	380	251	5.349
Importação	0	4	0	0	13	47
Exportação	181	242	224	114	191	2.402
Consumo Interno	264	274	223	225	210	2.962
Estoque Final	324	297	298	339	202	

Fonte: Abiove/Secex (2005)

(1) As amostragens de fevereiro de 2003 a janeiro de 2004 foram revisadas para 100% do setor.

(2) Foram incluídas as importações oficiais de farelo e óleo (bruto e refinado) de soja efetuadas por empresas não esmagadoras até janeiro de 2004.

(3) As importações oficiais de soja em grão de fevereiro de 2003 a janeiro de 2004 totalizaram 1.124 mil toneladas.

Ao mesmo tempo, os dados recentes divulgados pela Abiove, no 1º semestre de 2005, revelam que, de fevereiro a junho 2005, a indústria brasileira adquiriu 28.703 mil toneladas de grãos dos quais 11.490 mil toneladas foram esmagados, 5.989 mil toneladas foram exportados e 303 mil toneladas foram destinados ao mercado interno.

Em relação ao Farelo de Soja, cabe ressaltar que foram produzidos 8.845 mil toneladas das quais foram consumidas 3.138 mil toneladas e exportadas 5.163 mil toneladas, ou seja, o volume consumido representou 35,5% do produzido enquanto que o volume exportado representou 58,4% da produção.

Comportamento diferenciado apresenta o óleo de soja cuja indústria registra uma produção de 2.212 mil toneladas da qual 54,2% serviram para o consumo e 39,3% para o mercado internacional.

Portanto, conclui-se que a maior parte do óleo produzido no Brasil é consumida no mercado interno, enquanto que a maior parte do grão e do farelo de soja destina-se ao comércio internacional, principalmente, Europa e Ásia.

Principais exportadores residentes no Brasil

Conforme levantamento divulgado, em 2005, pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), existe uma grande quantidade de empresas que exportam produtos oriundos do complexo soja. Verifica-se que:

a) 183 empresas exportam soja, mesmo triturada (SH 1201.00), das quais 36,1% comercializam entre US\$ 1 milhão e US\$ 10 milhões por ano;

b) 6 empresas exportam farinha de soja (SH 1208.10), entre as quais 2 vendem mais de US\$ 50 milhões por ano;

c) 76 empresas exportam óleo de soja, bruto, mesmo degomado (SH 1507.10), entre as quais 31,6 % encontram-se na faixa de US\$ 1 milhão a US\$ 10 milhões por ano;

d) 48 empresas exportam óleo de soja e respectivas frações, mesmo refinados mas não quimicamente tratados (SH 1507.90), das quais 27,1% encontram-se na faixa de US\$ 1 milhão a US\$ 10 milhões por ano;

e) 20 empresas exportam molho de soja (SH 2103.10) das quais 50% apresentam volume de vendas até US\$ 1 milhão por ano;

f) 132 empresas exportam tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja (SH 2304.00), das quais 51 empresas vendem entre US\$ 1 milhão a US\$ 10 milhões por ano.

A Tabela 14 apresenta a quantidade de empresas exportadoras de produtos do complexo soja, bem como a faixa de exportação que se encontram e o produto exportado.

Tabela 14: Brasil - Quantidade de Empresas Exportadoras de Produtos do Complexo Soja conforme Faixa de Exportação e Item Exportado – 2004/2005

Item	Faixa de exportação em milhões de dólares				Total
	Até 1	1 a 10	10 a 50	Acima 50	
Soja, mesmo triturada	44	66	46	27	183
Farinha (farelo) de soja	3	1	-	2	6
Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	6	24	25	21	76
Óleo de soja e respectivas frações, mesmo refinados mas não quimicamente modificados	12	13	11	12	48
Molho de soja	10	8	-	2	20
Tortas e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja	18	51	40	23	132

Fonte: Confederação Nacional da Indústria – CNI (2005).

Extraído de <http://www.brazil4export.com/Br/Busca.asp>

Elaboração Própria

O Quadro 01 apresenta as maiores exportadoras residentes no Brasil e o Anexo II expõe maiores detalhes, como razão social, endereço e faixa de exportação.

Quadro 01: Brasil – Maiores Exportadoras do Complexo Soja Brasileiro - 2004/2005

Nome da Empresa	Nome da Empresa
Abc - Ind. E Com. S.A. - Abc - Inco	Coop. Mista Agropec. Do Brasil - Coopermibra
Adm do Brasil Ltda.	Foz Global Exportadora de Alimentos Ltda.
Agropecuária Maggi Ltda.	Giovelli e Cia. Ltda.
Agrorama do Brasil Ltda.	Glencore Importadora e Exportadora S.A.
Alfred C. Toepfer Exp. e Imp. Ltda.	I. Riedi Cia. Ltda.
Arisco Industrial Ltda.	Icatu Com. Exp. E Imp. Ltda.
Aventis Pharma Ltda.	Imco Reciclagem de Mat. Ind. e Com. Ltda.
Avipal S.A. Avicultura e Agropecuária	Imcopa Comercial e Exportadora Ltda.
Bahama Trading Company Ltda.	Inlogs Logística Ltda.
Baldo S.A. Com. Ind. E Exp.	Jardest S.A. Açúcar e Álcool
Battistella Ind. E Com. Ltda.	Joanes Industrial S.A. Prod. Químicos e Vegetais
Bertin Ltda.	Lavoura Ind. Com. Oeste S.A.
Bertol S.A. Ind. Com. E Exp.	Maeda S.A. Agroindustrial
Bianchini S.A. Ind. Com. e Agricultura	Marchesan Imp. e Máquinas Agrícolas Tatu S.A.
Braspelco Ind. E Com. Ltda.	Mármore Mineração e Metalurgia Ltda.
Braswey S.A. Ind. e Com.	Matosul Agro Industrial Ltda.
Bunge Alimentos S.A.	Moinho Iguaçu Ltda.
Camera e Cia. Ltda.	Nestlé Brasil Ltda.
Campo Oste Imp. e Exp. Ltda.	Petroquímica União S.A.
Caramuru Óleos Vegetais Ltda.	Refinadora de Óleos Brasil Ltda.
Cargill Agrícola S.A.	Renmat Ind. e Com. S.A.
Casas Sendas Com. e Ind. S.A.	Rhone - Poulenc Agro Brasil Ltda. / Aventis Cropsience
Cereagro Ltda.	Rodosafrá Logística e Transporte Ltda.
Cia. Importadora e Exportadora Coimex	Seara Ind. e Com. de Produtos Agro-Pecuários Ltda.
Coamo Agroindustrial Cooperativa	Sellsoy Com. e Exp. de Cereais Ltda.
Cocamar Cooperativa Agroindustrial.	Sementes Selecta Ltda.
Com. e Indústrias Brasileiras Coimbra S.A.	Simab S.A.
Companhia Aços Especiais Itabira - Acesita	Sperafico Agroindustrial Ltda.
Companhia Agro Industrial de Goiana	Sumatra Com. Ind. Exp. e Imp. Ltda.
Companhia Energética Santa Elisa	Sumitomo Corporation do Brasil S.A.
Companhia Nitro Química Brasileira	Têxtil Bezerra de Menezes S.A.
Conagra Trade Group do Brasil Ltda.	U.S.J. - Açúcar e Álcool S.A.
Construtora Norberto Odebrecht S.A.	Usina da Barra S.A. - Açúcar e Álcool
Cooperativa Agrícola Consolata	Usina Maracá S.A. Açúcar e Álcool
Cooperativa Agrícola Mista Vale do Piquiri Ltda.	Usina Nova América S.A.
Coop. Agropec. de Prod. Integr. do Paraná Ltda.	Vale do Ivaí S.A. Açúcar e Álcool
Cooperativa Agropecuária Cascavel Ltda.	Vitapelli Ltda.
Cooperativa Agropecuária Três Fronteiras Ltda.	

Fonte: Confederação Nacional da Indústria – CNI (2005).

Dados pesquisados em <http://www.brazil4export.com/Br/Busca.asp>

Elaboração Própria

2.7. Aspectos da Formação do Preço da Soja e seus Derivados no Brasil

A formação do preço dos produtos do complexo soja dá-se em função de muitos agregados, ou seja, o preço é uma variável dependente de muitos fatores. Todos os analistas e pensadores destacam que, entre as principais variáveis, a cotação do produto na Bolsa de Mercadorias de Chicago (Chicago Board of Trade - CBOT) dita as tendências do mercado. Mais tradicional bolsa de mercados futuros de produtos agrícolas, a CBOT foi criada em 1848 no centro financeiro de Chicago/Estados Unidos. Destaca-se pelo volume de negócios e caracteriza-se pela essência do livre mercado, negociando não apenas as mercadorias, mas também as expectativas em relação a elas.

Para Brum (2002), existe uma estreita relação entre o preço pago para a soja no Brasil e as cotações internacionais, principalmente, a Bolsa de Mercados e Futuros de Chicago. Entende que a soja é um produto de alta exposição internacional e que deve ser analisado, separadamente, o complexo grão-farelo e o óleo, uma vez que o mercado de óleos vegetais comestíveis apresenta níveis elevados de concorrência entre os diversos tipos de óleos vegetais e o farelo segue as mesmas tendências do grão, de baixa concorrência em relação às fontes protéicas para ração animal. Além disso, destaca que os preços pagos no mercado interno sofrem a influência dos custos de armazenagem, frete e política cambial, uma vez que a maior parte da soja brasileira é destinada ao mercado internacional. Ao mesmo tempo destaca que, em períodos de entressafra, a demanda das agroindústrias brasileiras exercem papel fundamental na formação do preço, pois neste espaço de tempo a oferta diminui e elas necessitam de matéria-prima, causando assim um “descolamento” dos preços internos com os praticados pela Bolsa de Chicago.

No mesmo sentido, Moraes (2002) descreve que os preços domésticos são determinados em função de uma série de variáveis como cotações internacionais, prêmios de exportação, custos de transporte, despesas portuárias, armazenamento, carga tributária entre outros. Dá ênfase ao Prêmio de exportação, dizendo que é uma variável pouco conhecida, mas de alta significância, uma vez que pode reduzir o preço FOB recebido pelo exportador em mais de 5% e aumentá-lo em mais de 20%¹⁵, possuindo um caráter sazonal, com os maiores valores observados nos períodos de entressafra e os menores no período de safra e exportação. Relata que as variáveis ligadas à disponibilidade do produto e às alternativas de

¹⁵ Conclusão a que chegou após análise estatística exposta em sua tese de mestrado.

comercialização possuem grande capacidade em explicar o comportamento do prêmio. Conclui que os estoques de soja dos principais produtores mundiais alteram significativamente o valor do prêmio e, conseqüentemente, o valor pago ao produtor nacional.

Na mesma linha, Mafioletti (2000) destaca que os preços são determinados em dois níveis: um recebido pelo exportador, dado em função das cotações internacionais mais os prêmios positivos ou negativos e outro recebido pelos produtores. O nível de preços, formado no mercado internacional e de conhecimento da classe produtiva forneceria embasamento para que esta reivindicasse preços compatíveis com àqueles do mercado externo.

Para Tybusch (2003), o preço de um produto se dá em função da satisfação que os consumidores esperam conseguir com o consumo do mesmo. Salienta a existência de um ponto de equilíbrio cujos extremos são o máximo que os consumidores estão dispostos a pagar e o mínimo que os produtores estão dispostos a receber, destacando que a oferta e a demanda, característica do sistema de livre-mercado possuem papel fundamental neste processo. Em análise análoga justifica a necessidade de existência de uma tendência nos preços, uma vez que os produtos agropecuários dependem da demanda do mercado varejista. Esclarece que os preços FOB da soja em grão englobam a conjunção de vários fatores, entre os quais os preços CIF na Europa (principalmente os de Roterdã), o frete marítimo, os estoques em silos portuários, capacidade de carga dos navios e diferencial entre as margens médias de processamento de soja na Europa e no Brasil. Desenvolve o Preço Paridade de Exportação (PPE) a partir da cotação futura do grão na CBOT, utilizando-se de uma metodologia de cálculo semelhante para a determinação do PPE do grão, do farelo e do óleo, que são expressas nos quadros 2, 3 e 4.

Quadro 2: Metodologia de Cálculo do PPE para o grão de soja

A) Cotação a futuro de soja (CBOT)	US\$/bushel
B) Prêmio Brasil (base FOB porto)	soma-se quando com base positiva e subtrai-se quando com base negativa
C) Cotação corrigida	valor de A mais valor de B
D) Conversão para toneladas	C multiplicado por 36,745401*
E) Deduções percentuais	soma dos valores de F, G e H
F) ICMS	Isento (Lei Kandir)
G) PIS	Isento (Lei Kandir)
H) Corretagem câmbio	0,1875% sobre o valor de D
I) Outras despesas	soma dos valores de J e K
J) Comissão sobre vendas	
K) Despesas portuárias	
L) Total dos custos	soma dos valores de E e I
M) Paridade de Exportação - ton.	diferença entre os valores de D e L
N) Paridade de Exportação - sc. 60 quilos	valor de M sobre 16,666**

(*) o valor de 36,7454 resulta da divisão de uma tonelada métrica (1.000 quilos) por um bushel de soja (27,21429 quilos).

(**) o valor de 16,6666 resulta da divisão de uma tonelada métrica (1.000 quilos) pelo peso de um saco de soja (60 quilos).

Fonte: Bueno (2001) e Safras & Mercado. In Tybusch (2003).

Quadro 3: Metodologia de Cálculo do PPE para o farelo de soja

A) Cotação a futuro do farelo de soja (CBOT)	US\$/tonelada curta*
B) Prêmio Brasil (base FOB porto)	soma-se quando com base positiva e subtrai-se quando com base negativa
C) Cotação corrigida	valor de A mais valor de B
D) Conversão para toneladas	C multiplicado por 1,1023**
E) Deduções percentuais	Soma dos valores de F, G e H
F) ICMS	Isento (Lei Kandir)
G) PIS	Isento (Lei Kandir)
H) Corretagem câmbio	0,1875% sobre o valor de D
I) Outras despesas	soma dos valores de J e K
J) Comissão sobre vendas	
K) Despesas portuárias	
L) Total dos custos	soma dos valores de E e I
M) Paridade de Exportação - ton.	diferença entre os valores de D e L

(*) uma tonelada curta equivale a 907,19 quilos.

(**) valor resultante da divisão de uma tonelada métrica (1.000 quilos) por uma tonelada curta (907,19) quilos.

Fonte: Bueno (2001) e Safras & Mercado. In Tybusch (2003).

Quadro 4: Metodologia de Cálculo do PPE para o óleo de soja

A) Cotação a futuro do óleo de soja (CBOT)	US\$/libra peso
B) Prêmio Brasil (base FOB porto)	soma-se quando com base positiva e subtrai-se quando com base negativa
C) Cotação corrigida	valor de A mais valor de B
D) Conversão para toneladas	C multiplicado por 22,045*
E) Deduções percentuais	soma dos valores de F, G e H
F) ICMS	Isento (Lei Kandir)
G) PIS	Isento (Lei Kandir)
H) Corretagem câmbio	0,1875% sobre o valor de D
I) Outras despesas	soma dos valores de J e K
J) Comissão sobre vendas	
K) Despesas portuárias	
L) Total dos custos	soma dos valores de E e I
M) Paridade de Exportação - ton.	diferença entre os valores de D e L

(*) quantidade de quilos que contém uma libra-peso.

Fonte: Bueno (2001) e Safras & Mercado. In Tybusch (2003).

Portanto, percebe-se que as cotações do grão, do farelo e do óleo estão atreladas, diretamente, ao nível de preços internacionais. Ao analisar-se os quadros 2, 3 e 4, verifica-se que o preço FOB¹⁶ variável dependente do mercado, é o parâmetro principal para a determinação dos preços pagos ao produtor nacional, seja pelo grão, farelo ou óleo. É a partir da cotação internacional praticada na CBOT mais o prêmio de exportação que incidem a carga tributária, taxas, comissões e despesas inerentes ao processo de exportação.

Neste contexto de formação de preços e expectativas quanto aos mesmos, a informação exerce função determinante. Variáveis como clima, política, economia, capazes de alterar a relação demanda e oferta mundial são literalmente garimpadas em todas as regiões de importância produtora e consumidora. Assim, o mercado e seus principais *players* apresentam uma dinâmica muito sensível aos acontecimentos mundiais que provocam alterações nas quantidades efetivas e projeções de oferta e demanda dos bens. Neste contexto ganham importância os relatórios semanais, mensais e outras informações divulgadas pela imprensa e por órgãos estatais como USDA, órgãos de Classe como ABIOVE, entre outros.

¹⁶ O termo FOB – *Free On Board* significa que o exportador deverá entregar a mercadoria, desembaraçada, a bordo do navio, no porto de embarque indicado pelo importador. Após a mercadoria transpor a amurada do navio todas as despesas e riscos são do Importador. De acordo com o modal de transporte e as negociações entre as partes poderão ser contratados preços EXW, FCA, FAZ, C x F, CIF, CTP, CIP, DAF, DES, DEQ, DDU, DDP, seguindo as regras internacionais no que se refere à compra e venda de produtos, conhecidas como “INCOTERMS”.

As informações divulgadas com periodicidade semanal dizem respeito, principalmente, ao acompanhamento de lavouras, inspeção de exportações, registro de exportações, posicionamento de fundos, entre outros, enquanto que os dados de periodicidade mensal apresentam relatórios de oferta e demanda, esmagamento, exportações dos principais produtores e estimativas sobre safras. Todas estas informações refletem situações que tendem a participar ativamente na formação de preços praticados pelo mercado da soja na CBOT e conseqüentemente, nos mais diversos municípios e regiões produtoras.

3. METODOLOGIA

No desenvolvimento desta monografia, os procedimentos metodológicos adotados para pesquisa e investigação científica foram basicamente os de pesquisa bibliográfica em materiais já publicados.

Conforme Silva e Menezes (2001), “pesquisa significa, de forma bem simples, procurar respostas para indagações propostas”. Já, Ruiz (1991) traz a abordagem sobre a pesquisa científica e diz que esta é “a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e regida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência”. Neste sentido, buscou-se analisar as visões conceituais sobre o sistema agroindustrial brasileiro, em especial o complexo agroindustrial da soja, abordando aspectos sobre sua evolução histórica, formação de preços, principais produtores e consumidores mundiais, além de sua importância para a economia, a balança comercial e o agronegócio brasileiro.

A fim de saber a real importância do agronegócio e do complexo soja, procurou-se analisar os números da produção, consumo e exportação destes setores para, assim, destacar sua representatividade para a consolidação de superávits comerciais, além de sua importância para a formação do Produto Interno Bruto (PIB). Neste sentido, foram usados dados, em sua maioria, já tabulados por órgãos do Estado Brasileiro e dos Estados Unidos, além de séries estatísticas catalogadas por importantes instituições, como *Food and Agriculture Organization (FAO)* e por associações de classe, como a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE).

Limitou-se a analisar os dados de tais fontes, porque estas se destacam na contabilidade do comércio exterior. No mesmo sentido, os materiais já publicados, contendo dados quantitativos e qualitativos, entre os quais: livros, teses de doutorado e mestrado, artigos de periódicos, internet usam as séries estatísticas destas fontes

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Devido suas características óleoproteaginosas e mercadológicas, a produção de soja foi amplamente estimulada pelo mercado e suas projeções de consumo e produção elevam-se gradualmente. Neste contexto, a principal cultura agrícola do país em geração de renda propiciou crescimento e desenvolvimento às regiões produtoras, exercendo função de fundamental importância, pois elevou o nível de bem-estar e representou parte significativa das exportações brasileiras ao mesmo tempo em que gerou emprego e renda para a nação brasileira e os agentes econômicos envolvidos no processo.

4.1. A Importância do Complexo Agroindustrial da Soja para a Economia e Balança Comercial Brasileira

A importância desta atividade econômica pode ser constatada através da análise dos números, onde se verificar que existe mais de 243 mil produtores de pequeno, médio e grande porte, espalhados por 17 estados brasileiros que dependem da soja para a obtenção da maior parte da renda gerada em suas propriedades.

A atividade sojícola se constitui como uma das principais fontes catalisadoras de recursos do agronegócio brasileiro, sendo responsável pela matriz produtiva da economia de grande parte do território brasileiro. Seu crescimento econômico tende a converter-se em benefícios para os demais setores da economia, através da expansão da atividade econômica e geração de emprego e renda. Representa para os pequenos produtores uma alternativa de sobrevivência; para os médios, conforto; e para os grandes, significativo volume de divisas. Sua amplitude é destacada, principalmente após 1992, pela representatividade que obteve, sobretudo contribuindo de forma excepcional para o saldo comercial brasileiro. Verifica-se assim, que, em 1992, as exportações de grão, farelo e óleo representaram 17,7% do saldo da balança comercial. Entretanto, o aumento dos volumes exportados, do complexo soja, e um leve recuo no saldo comercial brasileiro elevaram a participação do complexo soja para 23,06% do saldo comercial em 1993, e 39,4% em 1994. No ano de 1995, as exportações sojícolas recuaram, aproximadamente, 8%, mas a quantidade exportada (em dólares) superou o saldo comercial. A trajetória de apreciação, em comparação com o saldo comercial, foi consolidada entre os anos de 1996 e 2001, período no qual as exportações do complexo agroindustrial da soja foram superiores ao saldo comercial brasileiro. Em 2002 as vendas de soja para o exterior aumentaram 13,44%, comparadas ao ano anterior, mas o forte aumento

do saldo comercial superou a quantidade (em dólares) das vendas de grão, farelo e óleo, entretanto, naquele ano, o setor da soja representou 45,8% do superávit comercial brasileiro. As exportações de grão, farelo e óleo dos anos de 2003 e 2004 foram superiores às exportações dos anos anteriores, mas uma forte alta do saldo comercial diminuiu a participação do complexo soja, passando a oleoproteaginoso a representar 32% em 2003 e 21,27% em 2004. A Figura 14 destaca esta situação.

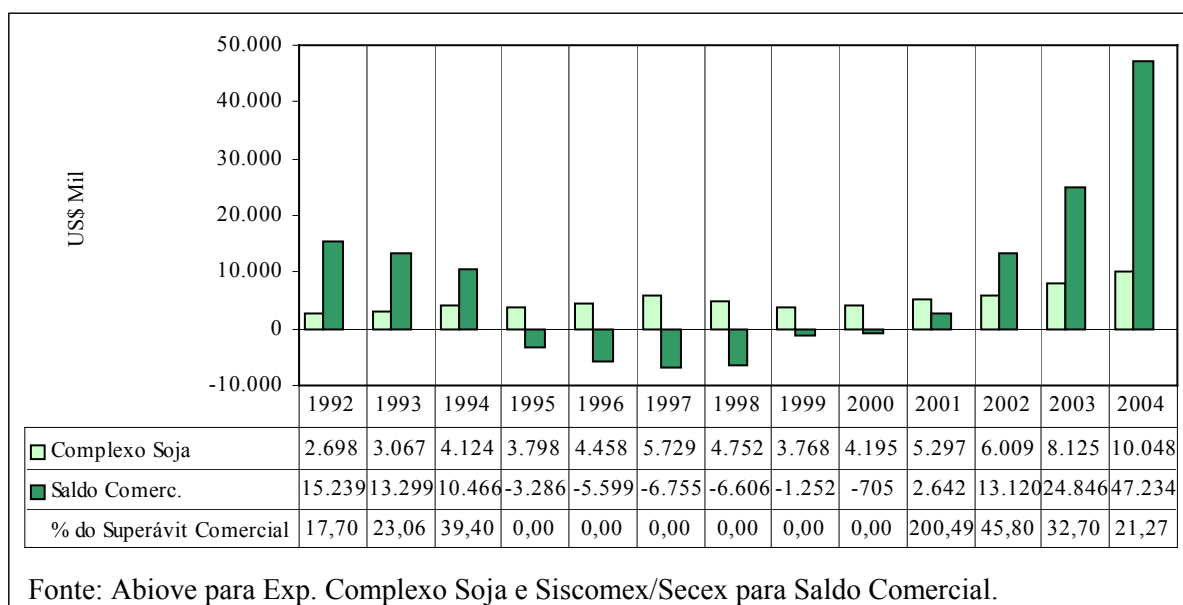


Figura 14: Brasil - Exportações do Complexo Soja e Saldo Comercial Brasileiro - 1992/2004.

Denotado a grande representatividade do complexo soja para o comércio exterior brasileiro, verifica-se que entre os anos de 1992 e 2004 as vendas externas de soja em grão, farelo e óleo oscilaram entre 7,54% e 11,12% das exportações totais brasileiras. A maior participação foi percebida no ano de 2003 e a menor em 1992. No ano de 2004, as exportações do complexo soja representaram 10,42% das exportações totais, apresentando, assim, uma leve queda no percentual de participação em relação ao ano de 2003, mas um relativo aumento no montante exportado, de US\$ 8.125 mil para US\$ 10.048 mil. No mesmo período, as exportações totais cresceram de US\$ 73.084 mil para US\$ 96.475 mil. Assim, constata-se que as vendas do setor sojícola não encolheu no biênio 2003/04, apenas cresceu a taxas menores que a taxa média dos outros setores. Já para o ano de 2005, as tendências apontam para uma redução dos volumes exportados e receitas arrecadadas pelo complexo soja. A tendência deve-se, principalmente, à frustração parcial da safra 2004/05, particularmente, no Rio Grande do Sul, e aos preços médios mais baixos. A Figura 15 ilustra

o percentual de participação das exportações do complexo soja em relação às exportações totais e a Tabela 15 apresenta o valor exportado pelo complexo soja e o valor das exportações totais.

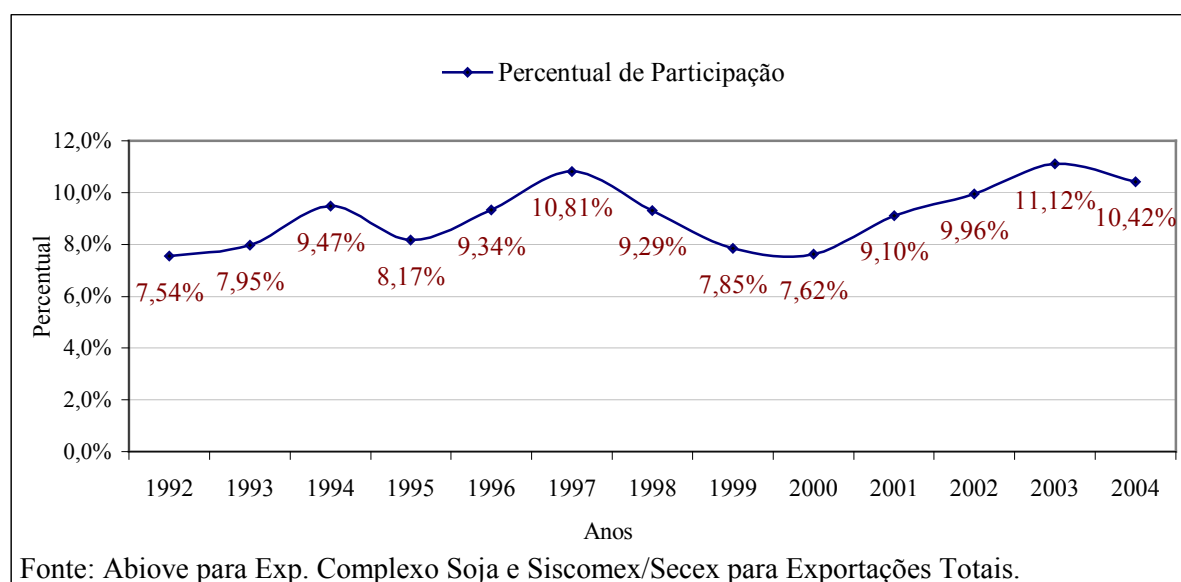


Figura 15: Brasil – Percentual de Participação do Complexo Soja nas Exportações Totais.

Tabela 15: Comparativo entre as Exportações do Complexo Soja, Exportações Totais, Saldo Comercial e PIB do Brasil (em US\$ milhões)

Ano	Total Grão (US\$ milhões)	Total Farelo (US\$ milhões)	Total Óleo (US\$ milhões)	Complexo Soja (US\$ milhões)	Exportações Totais	Saldo Comercial	PIB Brasil
1992	812	1.595	291	2.698	35.793	15.239	387.295
1993	946	1.815	306	3.067	38.555	13.299	429.685
1994	1.316	1.980	828	4.124	43.545	10.466	453.087
1995	770	1.997	1.031	3.798	46.506	-3.286	705.449
1996	1.018	2.727	713	4.458	47.747	-5.599	775.475
1997	2.452	2.681	596	5.729	52.994	-6.755	807.814
1998	2.175	1.749	828	4.752	51.140	-6.606	787.889
1999	1.593	1.504	671	3.768	48.011	-1.252	536.554
2000	2.188	1.648	359	4.195	55.086	-705	602.207
2001	2.726	2.065	506	5.297	58.226	2.642	509.797
2002	3.032	2.199	778	6.009	60.361	13.120	459.379
2003	4.290	2.602	1.233	8.125	73.084	24.846	506.784
2004	5.395	3.271	1.382	10.048	96.475	47.234	599.000**
2005*	4.677	2.751	1.200	8.628			

(*) Estimativa Abiove

(**) Previsão do Banco Central do Brasil

Fonte: Siscomex/Secex/Abiove (2005)

Percebe-se assim, que as exportações brasileiras do complexo soja e as exportações totais apresentam uma tendência crescente no período de 1992 a 2004. A diferença de ambas é que nos últimos 13 anos as exportações de grão, farelo e óleo de soja cresceram 272,42%, ou valor médio equivalente a 10,64%¹⁷ ao ano, enquanto que as exportações totais cresceram 169,54%, equivalendo, assim, a uma média de 7,925% ao ano. No mesmo espaço de tempo, o Produto Interno Bruto apresentou crescimento de 30,85%, equivalente a 2,089% ao ano. Destaca-se, assim, que o crescimento do comércio exterior brasileiro, principalmente as exportações do agronegócio e da soja cresceram à taxas, significativamente, maiores que àquelas apresentadas pelo Produto Interno Bruto.

Ao aprofundar a comparação entre exportações do complexo soja e Produto Interno Bruto, nos anos de 1992 à 2004, perceber-se-á que as vendas exteriores do complexo soja apresentam um comportamento ascendente, destacando-se, assim, uma tendência de crescimento na representatividade das exportações do complexo agroindustrial da soja, em relação aos números do PIB. Deste modo, no ano de 1992 o valor exportado em grão, farelo e óleo, foi o equivalente a 0,70% do PIB, porém os avanços qualitativos e quantitativos elevaram sua representatividade para 1,68% do PIB. Portanto, constata-se que elevou-se a participação das exportações do complexo soja em relação às exportações totais e ao PIB. Isto culminou em uma melhora no bem-estar da população de produtores rurais e um aumento no grau de importância, deste setor, para o comércio exterior e a economia brasileira. A Figura 16 demonstra o percentual de participação das exportações do complexo soja no Produto Interno Bruto Brasileiro.

¹⁷ A conversão da taxa de crescimento do período para taxa média de crescimento anual, nesta monografia, levou em consideração os princípios básicos da matemática financeira, onde o cálculo é realizado pela fórmula: $\{[(1 + i)^n - 1] * 100\}$, na qual “i” representa a taxa de crescimento e “n” representa o período de tempo em anos.

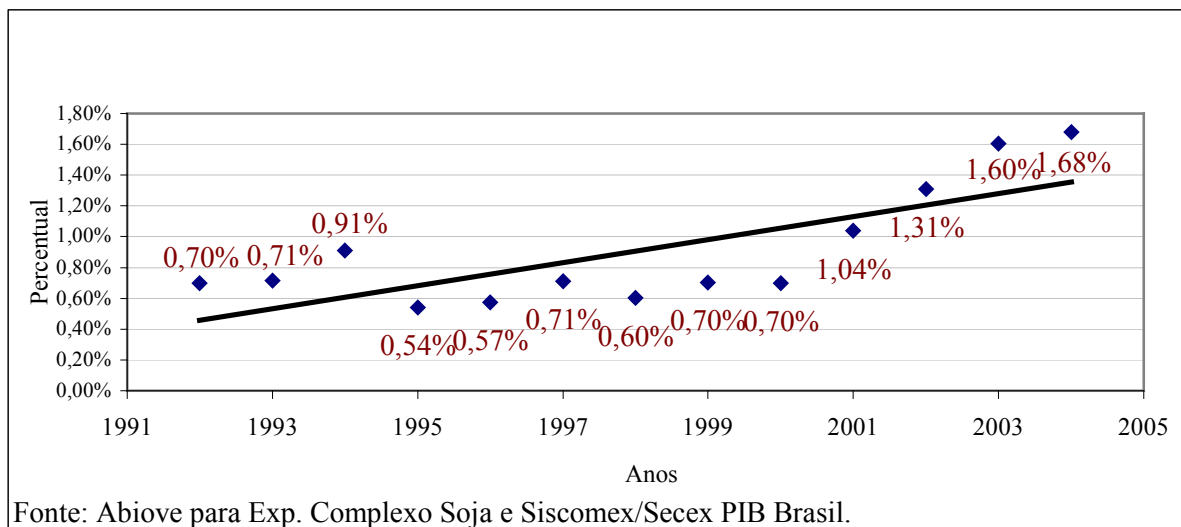


Figura 16: Brasil – Participação das exportações do complexo soja no PIB Brasil.

O período de elevado crescimento e desenvolvimento do setor sojícola brasileiro rendeu bons frutos para a economia. O crescimento da renda gerada pela agricultura exerceu efeitos sobre a indústria, principalmente, no setor de máquinas agrícolas que em determinados momentos operou a plena capacidade, assim, o incremento da renda agrícola na economia como um todo tem o efeito de estimular o “círculo virtuoso do crescimento”.

Também as contas nacionais, em especial as reservas cambiais, foram contempladas com grandes quantidades de dólares, contribuindo o setor de forma direta para a redução do risco Brasil e demais agregados, pois as divisas captadas pelo complexo soja constituem-se como capital produtivo de residentes no Brasil e não como capital especulativo que torna as economias reféns de instabilidades no mercado internacional.

Devido aos níveis de competitividade conquistados pelo setor sojícola, este aumentou seu volume de exportações. Neste contexto, cabe salientar que a edição da Lei Kandir estimulou as exportações de matéria prima. Até 1997, as exportações de farelo de soja eram maiores que as exportações de grão e óleo, após, o montante exportado de grão superou as quantidades exportadas de farelo e de óleo. Neste contexto, constata-se que as taxas de crescimento das exportações de grãos foram superiores às taxas das exportações de óleo e farelo. A Figura 17 destaca esta tendência.

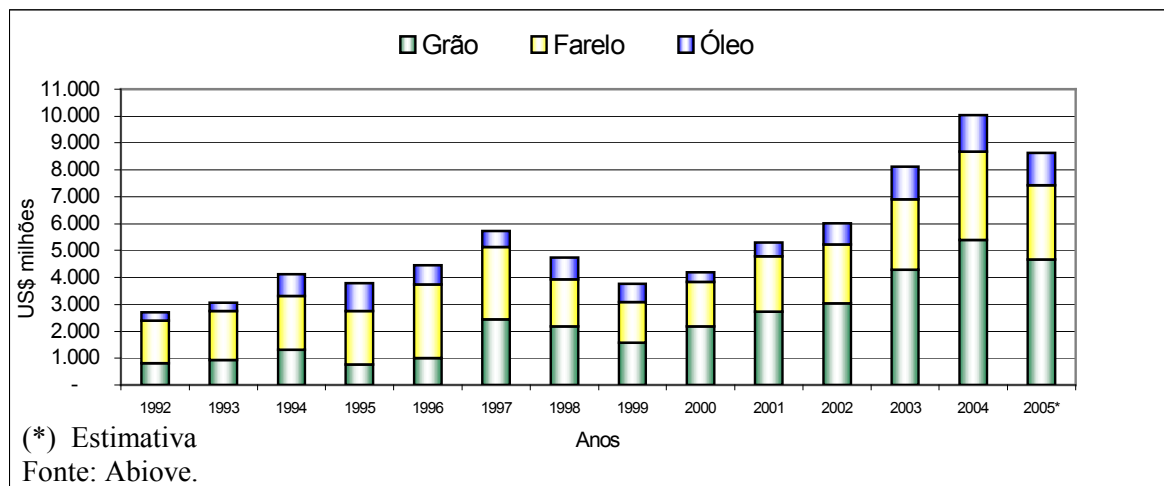


Figura 17: Brasil – Divisas Captadas pelo Complexo Soja, mediante Exportação.

A medida em que cresceu o complexo agroindustrial da soja, sua importância, por consequência, aumentou. Deste modo, no ano de 2003 a soja foi responsável por 19% da renda agrícola nacional e foi o produto que mais gerou renda para o produtor agropecuário, 23%, enquanto que o setor leiteiro correspondeu a 7%, o setor de carne bovina 15%, carne de frango 9%, milho 12% e cana-de-açúcar 8%. A Figura 18 destaca perfeitamente esta relação.

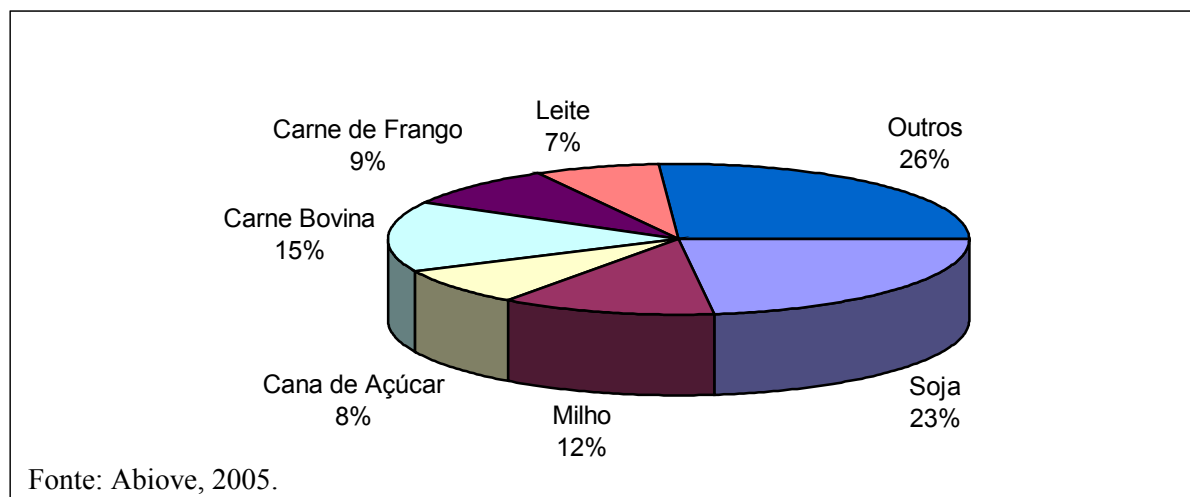


Figura 18: Brasil – Participação na Renda do Produtor Agropecuário – 2003.

Adotando a concepção de Joseph Schumpeter, só há crescimento quando a economia funciona em um sistema de fluxo circular de equilíbrio, cujas variáveis econômicas aumentam apenas em função da expansão demográfica, percebe-se que o setor sojícola gerou crescimento. Também, diz o pensador que o desenvolvimento só existe na presença de inovações tecnológicas, por obra de empresários inovadores, financiados pelo crédito bancário e, neste sentido, percebe-se que o complexo agroindustrial da soja demonstrou-se

inovador, auferindo lucros extraordinários, crescendo e desenvolvendo-se de maneira acelerada.

A economia das regiões onde a soja foi inserida apresentou crescimento e desenvolvimento acelerado, principalmente, as regiões dos cerrados que literalmente viveram um “boom”, mostrando que existe viabilidade econômica para o desenvolvimento da cultura sojícola, principalmente em grandes e médias extensões de terra. Para a pequena propriedade rural, até 50 hectares, o custo/benefício da soja tende a ser menor que o custo/benefício de demais atividades ligadas ao setor de leite e carnes, principalmente, em anos cujas cotações da soja estejam operando com tendências conservadoras. Entretanto, acredita-se que a agregação de valores aos produtos da terra, via agroindústrias, seja a fonte mais rentável para a pequena propriedade.

A viabilidade econômica da soja para a grande e média propriedade é mais facilmente encontrada, uma vez que, pelo montante de área, torna-se mais fácil a não falência em períodos de baixas nos preços e na taxa de retorno do investimento. Destarte, a expansão da fronteira agrícola brasileira ocorreu via investimentos, basicamente, em grandes propriedades as quais elevaram os níveis de emprego e renda, bem como aumentaram o bem-estar da população. Porém, o que caracteriza este cenário não é apenas a fase de crescimento e desenvolvimento presenciada nas últimas décadas, mas sim o potencial que pode ser explorado, seja pela expansão demográfica ou pelas inovações tecnológicas no desenvolvimento de novas variedades e manejo. O crescimento da economia da soja triplicou o PIB da cidade de Sorriso (MT) em apenas cinco anos, colocou cidades como Balsas (MA), Barreiras (BA) e demais pólos agrícolas nacionais na rota do crescimento e desenvolvimento. Neste contexto, dados oficiais destacam que o Brasil ainda conta com 90 milhões de hectares de terras agriculturáveis. Na região da Amazônia Legal, apenas 15% do território foi aberto e 2% das terras estão sendo cultivadas, o que significa que é possível incorporar cerca de 671 mil km² sem provocar novos danos ao meio ambiente. Admitindo-se que 1 km² é o equivalente a 100 hectares¹⁸, é possível incorporar uma área de 67.100 mil hectares ao setor produtivo na região amazônica sem desmatar ou abrir novas áreas.

¹⁸ 1Km² = 1.000m X 1.000m = 1.000.000 m²; 1 hectare = 10.000 m²; Logo 1Km² = 100 hectares.

Os cuidados com o meio ambiente e a ecologia devem ser premissas de atuação do aparelho estatal. O desenvolvimento agrícola deve ser sinônimo de desenvolvimento sustentável, atendendo exigências econômicas, sociais e ambientais. É possível avançar na produção tendo cuidado com o meio ambiente, não abrindo novas áreas em regiões de florestas e consorciando a criação de gado com o cultivo da soja, substituindo pastagens degradadas por lavoura. Assim, estas áreas serão corrigidas e depois de alguns anos, com técnicas adequadas de correção de solo, poderão ser novamente convertidas em pastagens. A Tabela 16 apresenta os dados da Agricultura na Amazônia Legal.

Tabela 16: Agricultura na Amazônia Legal

Estados	Território		Área Aberta		Área Agrícola	
	Km ²	Particip. %	Km ²	% sobre território	Km ²	% sobre território
Mato Grosso	906.807	17,7%	294.712	32,5%	68.625	7,6%
Maranhão	333.366	6,5%	110.005	33,0%	13.736	4,1%
Tocantins	278.430	5,4%	28.127	10,1%	5.736	2,1%
SUB-TOTAL	1.518.602	29,7%	432.845	28,5%	88.097	5,8%
Rondônia	238.512	4,7%	63.239	26,5%	3.308	1,4%
Pará	1.253.164	24,5%	215.717	17,2%	6.758	0,5%
Acre	153.149	3,0%	16.879	11,0%	754	0,5%
Roraima	225.116	4,4%	7.570	3,4%	555	0,2%
Amapá	143.454	2,8%	2.415	1,7%	56	0,0%
Amazonas	1.577.820	30,9%	32.560	2,1%	304	0,0%
SUB-TOTAL	3.591.215	70,3%	338.380	9,4%	11.735	0,3%
TOTAL	5.109.817	100%	771.225	15%	99.832	2,0%

Fonte: INPE 2002 e Conab 2005. In Abiove (2005)

Assim, constata-se facilmente a possibilidade de crescimento e desenvolvimento econômico em novas microrregiões brasileiras, principalmente, na Amazônia Legal, aumentando a produção e o nível de renda e bem-estar. Porém, a expansão deve ocorrer de forma ordenada e, principalmente, de acordo com a legislação vigente, que permite o uso de 65% do cerrado brasileiro e 20% das áreas de floresta.

O potencial de crescimento da agricultura brasileira é bastante significativo e este é o diferencial em relação aos outros países, pois os principais concorrentes brasileiros contam somente com a possibilidade de crescimento vertical, ou seja, pelo ganho de produtividade e não pelo aumento na área plantada. Conforme estimativas, no curto prazo, haverá um decréscimo na produção brasileira de soja, mas acredita-se que este comportamento se deve às baixas cotações da *commodity* que, neste momento, além da tendência de redução na tecnologia poderá afetar a produtividade. Contudo, a médio e longo

prazo as expectativas¹⁹ são de plena recomposição e crescimento no setor, de tal modo que, em 2020, estima-se que as terras brasileiras produzirão 105 milhões de toneladas de soja com uma área adicional de 8 milhões de hectares distribuídos pelo país. Isto significa um aumento de 70% da produção com um acréscimo de 37% na área plantada. Tal desproporção ocorre em função dos ganhos de produtividade que estão fixados em 1,5% ao ano. Neste contexto, as perspectivas para o complexo são de crescimento e desenvolvimento. Tais estimativas corroboram para o aumento da participação do complexo no comércio internacional, bem como o aumento de renda para os agricultores e divisas para a economia. A Figura 19 destaca as perspectivas de crescimento.

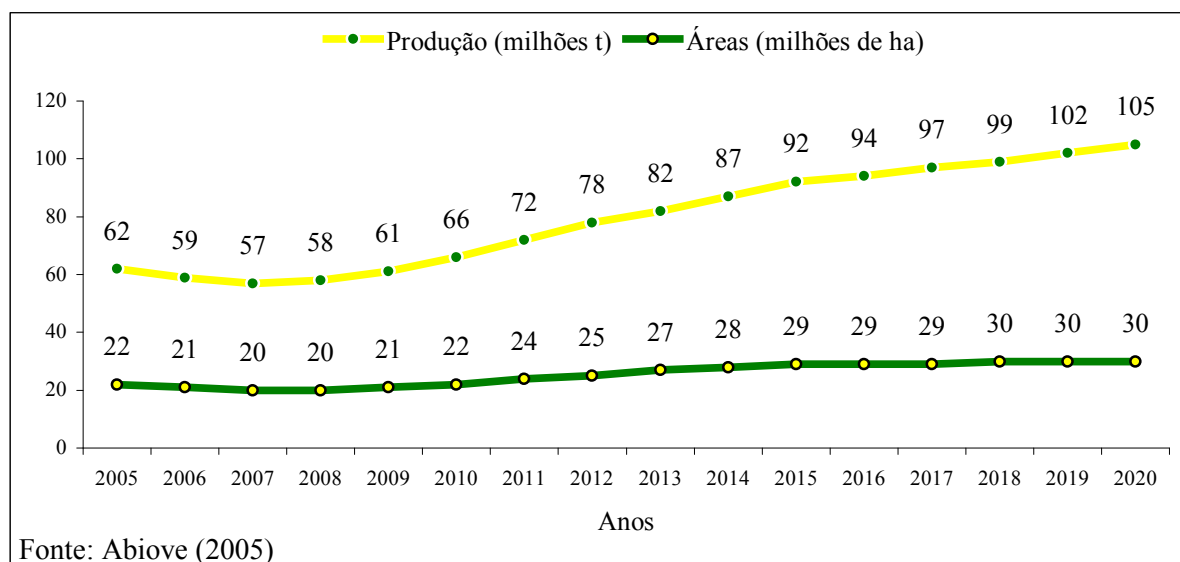


Figura 19: Brasil – Projeções Área Plantada e Produção até 2020.

Os ganhos do complexo soja somados aos ganhos do setor de carnes, café, açúcar, madeiras e outros se refletem no agronegócio. São responsáveis pelo dinamismo surpreendente que o setor auferiu no comércio exterior. Já, em 2000, o agronegócio brasileiro alcançou superávit de US\$ 14,8 bilhões, passando para US\$ 34,1 bilhões em 2004, crescendo cerca de 130% em apenas 4 anos e passando a representar 30% do total das riquezas produzidas na economia (PIB), em 2004, conforme demonstra a Tabela 16.

¹⁹ Fonte: Abiove (2005)

Tabela 17: Participação do Pib do Agronegócio em
Relação ao Pib Brasileiro (em R\$ milhões)

Anos	PIB Brasil	PIB Agronegócio	Participação %
1994	1.409.041	429.030	30%
1995	1.468.556	441.567	30%
1996	1.507.599	434.401	29%
1997	1.556.918	430.561	28%
1998	1.558.972	433.057	28%
1999	1.571.217	441.036	28%
2000	1.639.733	441.469	27%
2001	1.661.256	449.181	27%
2002	1.693.265	488.743	29%
2003	1.702.492	520.683	31%
2004	1.775.700	533.984	30%

Fontes: PIB total: IBGE; PIB Agro: Cepea-USP/CNA

Para 2005, o cenário é de preços menores para a soja, mas nem por isso as expectativas do agronegócio são pessimistas. A expansão da fronteira agrícola é uma constante, principalmente, na região do cerrado brasileiro, por esta possuir infraestrutura de tratores e máquinas melhoradas pelos bons resultados dos últimos anos.

Conforme Barros e Silva (2004), os significativos aumentos de produtividade induziram ao aumento de competitividade do agronegócio brasileiro e foram alcançados graças aos investimentos em aperfeiçoamento tecnológico. Destacam que as contas nacionais têm sido equilibradas pelos saldos positivos entre exportações e importações que o setor agrícola vem apresentando.

Assim, conclui-se que por estes fatos o complexo agroindustrial da soja, integrado ao agronegócio brasileiro, é um setor de fundamental importância devido a sua representatividade nas contas nacionais, seu crescimento nos últimos anos, representado pela Tabela 17 e seu potencial de crescimento/desenvolvimento.

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O Brasil, principal economia da América Latina, com 186 milhões de habitantes²⁰, detentor de um território cujas dimensões são continentais e PIB de US\$ 599 bilhões²¹, caracteriza-se por apresentar elevados índices de competitividade internacional em produtos do agronegócio. Neste setor, possui uma pauta de exportações substancialmente diversificada, ultrapassando 200 itens, porém com muito a ser melhorado, principalmente com relação ao agregamento de valor às exportações.

O país encontrou no complexo agroindustrial da soja a principal força do setor agropecuário, pois este se apresenta como um dos mais competitivos e importantes complexos agro-alimentares do mundo e principal gerador de receitas do agronegócio brasileiro, com capacidade para expandir, significativamente, a geração de riquezas, postos de trabalho, saldos comerciais, crescimento e desenvolvimento econômico. Os números configuram tais afirmações, destacando o crescimento auferido pelo complexo e o aumento da importância deste setor para a economia brasileira. Entretanto, a infraestrutura de transportes e armazenamento não evoluiu na mesma proporção, fato que afeta os níveis de competitividade internacional da soja brasileira. Portanto, constata-se que a deficiência, além de estrutural, é crônica e prejudica a cadeia produtiva como um todo, principalmente o produtor, pelos aumentos nos custos de produção e supressão dos preços na hora da colheita, forçado principalmente pelo *plus* no custo do frete. Mas, além das rodovias em mau estado de conservação constata-se deficiências no setor de armazenagem porque este não possui capacidade suficiente para o estoque de toda a produção, fato que força a comercialização do produto em tempos de safra e provoca grande demanda, fundamentalmente nos portos, que não possuem capacidade suficiente para tal serviço, o que prejudica os índices de competitividade ao tempo em que aumentam os custos do transporte marítimo. Por outro lado, a vantagem competitiva obtida através das inovações tecnológicas e da vocação do país para a agricultura superam as dificuldades estruturais.

Como já mencionado, o complexo agroindustrial da soja compõe grande parte da matriz produtiva da economia brasileira. Passou por transformações históricas, gerando

²⁰ Estimativa IBGE para agosto de 2005.

²¹ Previsão do Banco Central do Brasil.

crescimento e desenvolvimento econômico. Começou sua trajetória de sucesso em meados de 1960, período no qual se deu início ao cultivo para fins comerciais em terras gaúchas, apresentando-se como opção de alimento e subsistência da propriedade rural e alternativa de comercialização, principalmente, para a alimentação de gado leiteiro, porcos e frangos. Sua demanda internacional, no pós 1960, foi estimulada pelo continente europeu que trouxe alternativa de ganhos comerciais e provocou transformações na cadeia produtiva do interior do Rio Grande do Sul, cobrindo com soja a maior parte das áreas agriculturáveis na época.

O setor cresceu e se desenvolveu, passando por fases nas quais acoplou a indústria de insumos, a propriedade rural, a indústria de transformação, o varejo, o atacado e o consumidor final em um único sistema, o Sistema Agroindustrial da Soja, ao mesmo tempo em que se expandiu para outras regiões do território nacional. Neste sentido, o grão, juntamente com o farelo e o óleo, passou a ser exportado e gerar receitas cambiais para o país, mostrando-se eficientes e competitivos através da união dos investimentos em tecnologia com os recursos naturais e a vocação agrícola nacional. Tudo levou o Brasil para uma posição de destaque internacional na produção e nas exportações do setor, superando as deficiências estruturais relacionadas à logística e armazenamento. Tal eficiência resultou, entre os anos de 1995 e 2001, na garantia do superávit comercial brasileiro com o resto do mundo. A partir de 2002 sua representatividade encolheu, mas não se tornou pequena. Mesmo passando de 30% do superávit comercial naquele ano (2002) para 25% em 2003 e 18% em 2004. Isso se deve mais pelos bons resultados dos outros setores que pelo decréscimo do agronegócio.

O complexo produtivo do grão estimulou a implantação, o crescimento e o desenvolvimento da indústria de transformação, a qual sofreu efeitos contraproducentes e restricionistas a partir da implantação da Lei Kandir (13/09/1996), uma vez que esta desonerou as exportações de matérias-primas, favorecendo a venda externa do grão de soja em detrimento do farelo e óleo. No entanto, tal indústria ainda processa significativas quantidades de grãos para suprir a demanda do mercado interno e parte da demanda do mercado internacional, em especial, dos países asiáticos.

Além dos resultados obtidos diretamente pelo plantio, colheita e comercialização da soja cabe destacar o efeito multiplicador de tais atividades na economia. Constatou-se, assim, que os resultados colhidos no campo refletiram-se na indústria de máquinas agrícolas,

que, em determinados momentos, operou a 100% de sua capacidade de produção. Também, as importações de insumos e suas indústrias situadas no Brasil demonstraram substancial crescimento, comportamento que foi impulsionado pelo efeito multiplicador da soja no setor. Ao mesmo tempo, o setor de transportes foi estimulado pelos grandes volumes que estão imbuídos no setor, efetivamente em épocas de plantio e safra agrícola. Deste modo, a soja e seu complexo agroindustrial apresentam capacidade de multiplicar seu crescimento econômico, gerando expansão nos demais setores que estão em seu entorno.

Hoje, a cadeia produtiva é substancialmente grande, sendo composta por mais de 243 mil pequenos, médios e grandes produtores, espalhados por 17 Estados brasileiros. Não obstante, o complexo representa geração de emprego e renda no campo e na cidade, propiciando aos pequenos produtores uma alternativa para complementação de sua renda, aos médios, relativa estabilidade financeira, e aos grandes, significativo volume de divisas, ao tempo em que muitas empresas e trabalhadores ligados a setores como o de transportes e processamento têm na prestação de serviços para este complexo uma alternativa de renda.

Os estímulos expansionistas do complexo agroindustrial da soja vão além. Tal sistema se constituiu como uma das principais fontes catalisadoras de recursos externos, representando 9,5% das exportações totais brasileiras do ano de 2004, superando os US\$ 10 bilhões, captando grandes cifras para a economia brasileira. Igualmente, seus reflexos estimularam a indústria de insumos e máquinas agrícolas e, em especial, elevou as reservas cambiais, fato este que contribui para a redução do risco-Brasil e consolidação dos fundamentos da economia, uma vez que as divisas captadas pelo complexo soja constituem-se como capital produtivo de residentes no Brasil e não como capital especulativo, que torna as economias reféns de instabilidades do cenário internacional. No mesmo contexto, representou 23% da renda do produtor agropecuário no ano de 2003 e seu volume exportado chegou a 1,7% do PIB brasileiro em 2004.

O bom momento vivido pelo setor nos últimos anos oxigenou a matriz produtiva da economia de grande parte do território brasileiro possibilitando o reaparelhamento e aperfeiçoamento tecnológico, fato que corroborou para o efetivo crescimento. Neste sentido, as projeções indicam que, para os próximos 15 anos, a produção deverá passar dos atuais 62 milhões de toneladas para 105 milhões de toneladas, ou seja, um crescimento na ordem de

69,4% o qual tenderá a elevar os níveis agregados de renda, gerando reflexos na economia, na balança comercial e nas indústrias que tem inter-relação com o setor.

Portanto, a soja é significativamente importante para a nação, uma vez que as regiões incorporaram de forma duradoura e sustentada o crescimento e o desenvolvimento do complexo. Este processo caracterizou-se pela expansão dos postos de trabalho e pelo aumento no investimento, gerando renda para a população, seja através do emprego direto ou através do consumo do agricultor. Neste contexto, a cultura sojícola contribuiu para viabilizar cidades médias e pequenas e permitiu qualidade de vida para populações que vivem no campo, incluindo as cidades do Centro-Oeste, Norte e Nordeste do país, onde o desenvolvimento foi mais tardio, no entanto com o advento da soja mais acelerado.

Assim sendo, o complexo soja cresceu, desenvolveu-se e ganhou importância à medida que os anos passaram. Junto consigo propiciou o desenvolvimento de regiões, porém constata-se que este setor ainda pode contribuir mais. O desafio é ampliar o volume exportado de farelo e óleo, uma vez que nestes itens estão agregados não somente o trabalho da agricultura, transporte, insumos, mas também da indústria de transformação. Da mesma forma que a atividade agrícola é geradora de riquezas, a atividade da indústria de esmagamento, envase e outras agregam valor aos produtos, pois garantem geração de renda para todos os agentes envolvidos em sua cadeia produtiva e aumentam as receitas cambiais. Neste contexto, é correto afirmar que a expansão do nível de renda provocado pelo complexo soja tendenciou o aumento do nível de consumo e de produção, lançando estímulos de crescimento para os demais setores da economia.

A conjuntura leva a acreditar que o crescimento das exportações de bens de valor agregado se dará principalmente em função dos acordos comerciais que o Brasil vêm negociando, como Mercosul, ALCA, OMC, Países Árabes e outros, uma vez que grandes consumidores como Estados Unidos, União Européia e China apresentam crescentes restrições às importações de tais produtos. Portanto, acredita-se que a expansão das exportações dos derivados da soja, principalmente, se dará em função dos acordos bilaterais e multilaterais.

Dito isto, conclui-se que os produtos oriundos do agronegócio brasileiro são competitivos, principalmente a soja em grão, farelo e óleo. Por isso, acredita-se que o

rompimento de barreiras comerciais poderá aumentar substancialmente o volume das exportações brasileiras e os estímulos ao crescimento e desenvolvimento de outras cadeias produtivas da economia brasileira. Por fim, percebe-se que a importância auferida pelo complexo soja é tão significativa para a matriz produtiva da economia brasileira que o médio e grande produtor encontrariam grandes dificuldades para encontrar uma atividade substituta em curto espaço de tempo. Ao pequeno, menos preparado para o enfrentamento de crises ocasionais, é recomendado a diversificação das atividades na propriedade rural, buscando maneiras de agregar valor à produção especializada e particular que lhe é possível praticar, seja através do cultivo da soja orgânica para nichos de mercado ou através do consórcio da soja transgênica com produção de carne, leite ou mesmo qualquer produto que o mercado está à procura.

REFERÊNCIAS

ABIOVE - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ÓLEOS VEGETAIS. **Mesa Redonda sobre Soja Sustentável.** 2005. 30p. Disponível em <http://www.abiove.com.br/dload/abiove_outlook_mar05_br.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2005.

ABIOVE - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ÓLEOS VEGETAIS. <<http://www.abiove.com.br>>

BARROS, G. S. de C.; SILVA, S. F. **O Saldo Comercial do Agronegócio e o Crescimento da Economia Brasileira.** 2005. 3p. Disponível em <<http://www.cepea.esalq.usp.br>>. Acesso em: 25 abr. 2005.

BRANDÃO, A. S. P.; REZENDE, G. C. de; MARQUES, R. W. C. **Crescimento Agrícola no Período 1999-2004, Explosão da Área Plantada com Soja e Meio Ambiente no Brasil.** Texto para discussão nº 1062, IPEA. 2005. 21p.

BRUM, A.L. **A economia mundial da soja:** impactos na cadeia produtiva da oleaginosa no Rio Grande do Sul 1970-2000. Ijuí : Ed. UNIJUI. 2002. 176 p.

BRUM, A.L.; JANK, M. & LOPES, M.R. **A competitividade das cadeias agroindustriais no Mercosul.** Ed. Embrapa/UNIJUI, 1997.

BRUM, A. J. **O Brasil na História da Economia Mundial da Soja.** Departamento de Economia e Contabilidade, Universidade de Ijuí. Textos para discussão nº 2. Ijuí, Unijuí, 1992, 200 p.

CARVALHO, M. A. de. SILVA, C. R. **Economia Internacional.** São Paulo. Ed. Saraiva. 2000.

CEPEA - CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. <<http://www.cepea.esalq.usp.br>>. Acesso em: 03 fev. 2005.

CNA - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA E PECUÁRIA NO BRASIL.
<<http://www.cna.org.br/>>. Acesso em: 05 jan. 2005.

CNI - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. <<http://www.cni.org.br/>>. Acesso em: 20 abr. 2005.

COPPEAD/UFRJ - CENTRO DE ESTUDOS EM LOGÍSTICA.
<<http://www.cel.coppead.ufrj.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2004.

DAVIS, J.H. E GOLDBERG, R. *A concept of Agribusiness. Harvard University Reserarch Program Series. Harvard University Press, 1957, 60p.*

EMBAIXADA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NO BRASIL.
<<http://www.embchina.org.br/por/index.html>>. Acesso em: 12 fev. 2005.

EMBRAPA - EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Tecnologias de Produção de Soja**: região central do Brasil. 2004, 239p. Londrina/PR. Disponível em <<http://www.cnpso.embrapa.br/Embrapa>>. Acesso em: 03/03/2005.

FARINA, E. M. M. Q. ; ZYLBERSZTAJN, D. **Competitividade no Agribusiness Brasileiro**. IPEA-PENSA, Relatório de Pesquisa, Volume I, São Paulo, 1998, 69p.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO).
<<http://www.fao.org/>>. Acesso em: 25 jan. 2005.

GIORDANO, Samuel Ribeiro. **Competitividade Regional e Globalização**. USP. 1999. 249p. Disponível em <<http://www.cel.coppead.ufrj.br/fs-public.htm>>. Acesso em 02 jan. 2005.

HIJJAR, M F. **Logística, Soja e Comércio Internacional**. 2004. Disponível em <<http://www.cel.coppead.ufrj.br/fs-public.htm>>. Acessado em 02 jan 2005.

ICONE - INSTITUTO DE ESTUDOS DO COMÉRCIO E NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS. **Gastos com Subsídios Agrícolas nos EUA**. 2005. Disponível em <<http://www.iconebrasil.org.br>>. Acesso em 05 jun. 2005.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 01 abr. 2005.

INPE - INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. <<http://www.inpe.br/>>. Acesso em: 02 mar. 2005.

MAPA - MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Agronegócio Brasileiro: Uma Oportunidade de Investimentos**. 2005, Brasília. Disponível em <<http://www.agricultura.gov.br>>. Acesso em: 06 jul. 2005.

MDIC - MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. <<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/inicial/index.php>>. Acesso em: 25 fev. 2005.

MORAES, M. **Prêmio de Exportação da Soja Brasileira**. Universidade de São Paulo, 2002. 90 p. Piracicaba.

MÜLLER, G. **Complexo Agroindustrial e Modernização Agrária**. Editora Hucitec, São Paulo, 1989. 149p.

NAKANO, Y. **A dinâmica da economia mundial e a estratégia de desenvolvimento**, Rio de Janeiro: Revista Conjuntura Econômica. Ed. nov. 2004, pág12-13.

NASSAR, A. M. & FARINA, T. **Exportações Agroindustriais Brasileiras: valor industrial x valor de mercado**. 2001. 19p. Disponível em <http://www.nuca.ie.ufrj.br/infosucro/biblioteca/externo/nassar_exportacoes.doc>. Acesso em 20 jul. 2005.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência de estudos**. 3 ed. São Paulo. Atlas, 1991.

SECEX - SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR; ALICE-Web - SISTEMA DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES DE COMÉRCIO EXTERIOR VIA INTERNET. <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em 23 jan. 2005.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3 ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001

TANIMICHI, Yurie. ***Riesgos del Mercado Internacional y Aspectos Relacionados con el Comercio Agrícola***. 2004. Disponível em <http://www.bancomundial.org.ar/archivos/Tanimichi_trade_Spanish_version_2.pdf>. Acesso em 20 jan. 2005.

TYBUSCH, T. M. M. **As Estratégias de Comercialização no Mercado da Soja**. O caso da Cotrijuí-RS. 2003. Mestrado em Agronegócios – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS.

USDA - UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. ***Electronic Outlook Report from the Economic Research service: China's Soybean Imports Expected To Grow Despite Short-Term Disruptions***. 2004. Disponível em <<http://www.ers.usda.gov>>. Acesso em 11 jun. 2005.

URGARTE, Daniel G. T. & BAGWELL, Dana D. ***The Global Soybean Market: Its Meaning for the United States and Tennessee***. Disponível em <<http://apacweb.ag.utk.edu/ppap/pdf/98/soybean.PDF>>. Acesso em: 01 abr. 2005.

VIEGAS, Isabel F. P. **Impactos das Barreiras Comerciais dos Estados Unidos e União Européia sobre a Pauta de Exportações Agrícolas Brasileiras**. 2003. 68 p. Mestrado em Agronomia – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-17122003-102113/>>. Acesso em: 11 mar. 2005.

VINER, J. ***The Customs Issue, Carnegie Endowment for International Peace***. New York, 1950.

ANEXOS

Anexo I

Brasil: Exportações Agropecuárias - Produtos Selecionados¹ (US\$ milhões, FOB)

SH4	Descrição SH4	2004	Percentual
1201	Soja, mesmo triturada	5.395	20,20%
2304	Farelo de soja	3.271	12,25%
1507	Óleos de soja	1.382	5,18% 37,63%
0203	Sucos de frutas	1.141	4,27%
0201	Milho	597	2,24%
0202	Fumo não manufaturado	1.380	5,17%
2207	Carnes preparadas	559	2,09%
2401	Carne suína	744	2,79%
1701	Carne e miudezas de aves	2.708	10,14%
1602	Carne bovina, fresca ou refrigerada	592	2,22%
2009	Carne bovina, congelada	1.371	5,13% 22,37%
0901	Cafê, mesmo torrado ou descafeinado	1.759	6,59%
5201	Extratos, essências e concentrados de café, chás, etc	299	1,12%
1005	Algodão, não cardado nem penteado	406	1,52%
2101	Álcool etílico (teor alcoólico >= 80% vol.)	498	1,86%
0207	Açúcar de cana ou beterraba	2.640	9,89%
0801	Cocos e castanhas	208	0,78%
2106	Preparações alimentícias não especificadas em outras posições	167	0,62%
1704	Produtos de confeitaria, sem cacau	166	0,62%
1804	Manteiga, gordura e óleo de cacau	105	0,39%
0504	Tripas, bexigas e estômagos de animais	113	0,42%
0807	Melões, melancias e mamões, frescos	94	0,35%
3301	Óleos essenciais	99	0,37%
3503	Gelatinas e derivados	85	0,32%
1806	Chocolates	122	0,46%
0808	Maçãs, pêras e marmelos, frescos	73	0,27%
0402	Leite concentrado	74	0,28%
0206	Miudezas de bovinos, suínos, ovinos, caprinos, etc.	83	0,31%
0904	Pimentas, pimentões, etc.	82	0,31%
1601	Enchidos e prods. semelhantes, de carne	47	0,18%
2308	Desperdícios vegetais	64	0,24%
1905	Produtos de padaria	61	0,23%
2309	Preparações para alimentação animal	49	0,19%
0804	Tâmaras, figos, abacaxis, etc., frescos ou secos	73	0,27%
1805	Cacau em pó	57	0,21%
1512	Óleos de girassol	29	0,11%
1521	Ceras vegetais	38	0,14%
1209	Sementes, frutos ou esporos, para semeadura	32	0,12%
1006	Arroz	8	0,03%
1302	Prods. mucilaginosos e espessantes, derivados dos vegetais	34	0,13%
	TOTAL	26.705	100%

Fonte: Aliceweb - MDIC.

Elaboração: Secretaria de Política Agrícola - MAPA.

Notas: ¹ Dados preliminares.

Anexo II²²

Razão Social: Abc - Ind. e Com. S.A. - Abc - Inco
Endereço: Av. José Andraus Gassani, 2464 - Distrito Federal
Uberlândia - MG - 38405-900
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Adm do Brasil Ltda.
Endereço: Av. Roque Petroni Junior, 999 4º. andar - Jd. das Acácias
São Paulo - SP - 04707-000
Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Agropecuária Maggi Ltda.
Endereço: Av. Pres. Médici, 298 - Vl. Birigui
Rondonópolis - MT - 78700-000
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Agrorama do Brasil Ltda.
Endereço: Av. Mate Laranjeira, 685 Sl. 05 - Centro
Guaira - PR - 85980-000
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Alfred C. Toepfer Exp. e Imp. Ltda.
Endereço: Rua Alexandre Dumas, 2200 8º andar - Chác. Sto. Antônio
São Paulo - SP - 04717-910
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Arisco Industrial Ltda.
Endereço: Rua Arisco, 1 - Pq. Ipê
Goiânia - GO - 74665-320
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

²² Fonte: CNI (2005)

Razão Social: Aventis Pharma Ltda.

Endereço: Rua Conde Domingos Papaiz ,413 Parte 1 - Jd. Natal
São Paulo - SP - 08613-010

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Avipal S.A. Avicultura e Agropecuária

Endereço: Av. Industrias, 720 - Anchieta
Porto Alegre - RS - 90200-290

Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Bahama Trading Company Ltda.

Endereço: Rua Pasteur, 463 13 Andar - Água Verde
CURITIBA - PR - 80250-080

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Baldo S.A. Com. Ind. e Exp.

Endereço: Estr. RS 130 Km 7 - Industrial
Encantado - RS - 95960-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Battistella Ind. e Com. Ltda.

Endereço: Rod. BR 280 Km 133 - Acesso Rio Preto Velho
Rio Negrinho - SC - 89295-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Bertin Ltda.

Endereço: Pq. Industrial, s/n - Distrito Industrial
Lins - SP - 16404-110

Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Bertol S.A. Ind. Com. e Exp.

Endereço: Rod. RS 153, 2000 Km 2 - N. Sra. Aparecida
Passo Fundo - RS - 99001-970

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Bianchini S.A. Ind. Com. e Agricultura
Endereço: Rua dos Andradas, 1121 10º andar - Centro
Porto Alegre - RS - 90020-007
Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Braspelco Ind. e Com. Ltda.
Endereço: Rua Décio Spirandelli Carvalho, 205 - Distrito Industrial
Uberlândia - MG - 38902-342
Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Braswey S.A. Ind. e Com.
Endereço: Rua Enxovia, 423 - Sto. Amaro
São Paulo - SP - 04711-903
Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Bunge Alimentos S.A.
Endereço: Rod. Jorge Lacerda, Km 20 - Poço Grande
Gaspar - SC - 89110-000
Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Camera e Cia. Ltda.
Endereço: Rua Rio de Janeiro, 1030 - Centro
Tucunduva - RS - 98930-000
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Campo Oste Imp. e Exp. Ltda.
Endereço: Rod. BR 163 Km 5,3 Saída Campo Grande -
Dourados - MS - 79804-970
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Caramuru Óleos Vegetais Ltda.
Endereço: Rod. BR 153 Km 700 - Cx. Postal 1055 - Setor Industrial
Itumbiara - GO - 75520-900
Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Cargill Agrícola S.A.
Endereço: Av. Morumbi, 8234 - Vl. Sofia
São Paulo - SP - 04703-002
Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Casas Sendas Com. e Ind. S.A.
Endereço: Rod. Pres. Dutra, 4674 - Centro
São João de Meriti - RJ - 25569-900
Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Cereagro Ltda.
Endereço: Rod. BR 116, s/n Km 5 - Campo da Lanca
Mafra - SC - 89300-000
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Cia. Importadora e Exportadora Coimex
Endereço: Av. Paulista, 925 5º and. - Cerqueira César
São Paulo - SP - 01311-100
Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Coamo Agroindustrial Cooperativa
Endereço: Rua Fioravante João Ferri, 99 - Cx. Postal 460 - Jd. Alvorada
Campo Mourão - PR - 87308-445
Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Cocamar Cooperativa Agroindustrial.
Endereço: Estr. Oswaldo de Moraes Corrêa, 1000 - Cx. Postal 932 - Pq. Industrial
Maringá - PR - 87065-240
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Com. e Indústrias Brasileiras Coimbra S.A.
Endereço: Av. Brig. Faria Lima, 1355 14º andar - Pinheiros
São Paulo - SP - 01452-919
Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Companhia Aços Especiais Itabira - Acesita
Endereço: Av. Brig. Faria Lima, 1355 20º andar - Jd. Paulistano
São Paulo - SP - 01452-002
Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Companhia Agro Industrial de Goiana
Endereço: Faz. Engenho Bujari, s/n - Zona Rural
Goiana - PE - 55900-000
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Companhia Energética Santa Elisa
Endereço: Faz. Sta. Elisa, s/n - Rural
Sertãozinho - SP - 14176-500
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Companhia Nitro Química Brasileira
Endereço: Av. Dr. José Arthur Nova, 951 - São Miguel Paulista
São Paulo - SP - 08090-000
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Conagra Trade Group do Brasil Ltda.
Endereço: Rua Iguatemi ,192 14 andar - Itaim Bibi
São Paulo - SP - 01451-010
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Construtora Norberto Odebrecht S.A.

Endereço: Av. Pedro II, 283 Parte - São Cristóvão

Rio de Janeiro - RJ - 20941-070

Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Cooperativa Agrícola Consolata

Endereço: Rua Desembargador Munhoz de Mello, 176 - Centro

Cafelândia - PR - 85415-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Cooperativa Agrícola Mista Vale do Piquiri Ltda.

Endereço: Av. Independência, 2347 - Centro

Palotina - PR - 85950-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Cooperativa Agropec. de Produção Integrada do Paraná Ltda.

Endereço: Rua São Jerônimo, 200 - Centro

Londrina - PR - 86010-430

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Cooperativa Agropecuária Cascavel Ltda.

Endereço: Rod. BR 277, s/n Km 582 - Pq. São Paulo

Cascavel - PR - 85815-480

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Cooperativa Agropecuária Três Fronteiras Ltda.

Endereço: Rua Curitiba, 600 - Condá

Céu Azul - PR - 85840-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Cooperativa Mista Agropecuária do Brasil - Coopermibra

Endereço: Av. Pres John Ken ,1362 - Lar Parana

Campo Mourão - PR - 87305-260

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Foz Global Exportadora de Alimentos Ltda.

Endereço: Rua José Maria de Brito, 724 - Jd. das Nações

Foz do Iguaçu - PR - 85853-320

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Giovelli e Cia. Ltda.

Endereço: Vila Três Irmãos, s/n - Cx. Postal 21 - Subúrbios

Guarani das Missões - RS - 97950-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Glencore Importadora e Exportadora S.A.

Endereço: Rua Abiail Amaral Carneiro, 41 8º andar Sls. 802/3 - Enseada do Suá

Vitória - ES - 29055-220

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: I. Riedi Cia. Ltda.

Endereço: Av. da Saudade, 504 - Centro

Terra Roxa - PR - 85990-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Icatu Com. Exp. e Imp. Ltda.

Endereço: Rod. BR 364 Km 472 - Centro

Santos - SP - 11010-091

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Imco Reciclagem de Mat. Ind. e Com. Ltda.

Endereço: Av. Júlio de Paula Claro, 900 - Feital

Pindamonhangaba - SP - 12441-400

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Imcopa Comercial e Exportadora Ltda.

Endereço: Av. das Araucárias, 5909 - Tomás Coelho

Araucária - PR - 83707-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Inlogs Logística Ltda.

Endereço: Av. Cel. Marcos Konder, 1313 Sl. 704 - Centro

Itajaí - SC - 88301-906

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Jardest S.A. Açúcar e Alcool

Endereço: Via. Anhangüera, Km 340 - Cx. Postal 14 - Zona Rural

Jardinópolis - SP - 14680-970

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Joanes Industrial S.A. Produtos Químicos e Vegetais

Endereço: Pça. Joana Angélica, 10 - Centro

Mutuipe - BA - 45480-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Lavoura Ind. Com. Oeste S.A.

Endereço: Av. Sen. Atílio Santana, 832 - Pq. São João

Paranaguá - PR - 83212-330

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Maeda S.A. Agroindustrial

Endereço: Al. Ribeirão Preto, 130 / 8º andar - Bela Vista

São Paulo - SP - 01331-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Marchesan Implementos e Máquinas Agrícolas Tatu S.A.

Endereço: Av. Marchesan, 1979 - Bairro Industrial

Matão - SP - 15990-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Mármore Mineração e Metalurgia Ltda.
Endereço: Estr. dos Romeiros Km 49,5 - Guarapiranga
Pirapora do Bom Jesus - SP - 06550-000
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Matosul Agro Industrial Ltda.
Endereço: Rua Basílio Itiberê, 2210, Bl A Sobreloja - Rebouças
Curitiba - PR - 80230-050
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Moinho Iguaçu Ltda.
Endereço: Av. Iguaçu, 1533 - Centro
São Miguel do Iguaçu - PR - 85877-000
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Nestlé Brasil Ltda.
Endereço: Av. Eng. Luís Carlos Berrini, 1376 - Brooklin Novo
São Paulo - SP - 04571-010
Faixa de Exportação: Acima de US\$ 50 milhões

Razão Social: Petroquímica União S.A.
Endereço: Av. Pres. Costa e Silva, 1178 - Capuava
Sto. André - SP - 09270-901
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Refinadora de Óleos Brasil Ltda.
Endereço: Av. Paulista, 2073 1º/2º andares. Ed. Horsa - Cerqueira César
São Paulo - SP - 01311-940
Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Renmat Ind. e Com. S.A.

Endereço: Av. Historiador R. Mendonça, 1856/8 - Jd. Aclimação

Cuiabá - MT - 78050-040

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Rhone - Poulenc Agro Brasil Ltda. / Aventis Cropsience

Endereço: Rua Maria Coelho Aguiar, 215 Bl. B2 - Centro

São Paulo - SP - 05804-902

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Rhone - Poulenc Agro Brasil Ltda. / Aventis Cropsience

Endereço: Rua Maria Coelho Aguiar, 215 Bl. B2 - Centro

São Paulo - SP - 05804-902

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Rodosafra Logística e Transporte Ltda.

Endereço: Av. Cel. José Lobo, 565 - Costeira

Paranaguá - PR - 83203-310

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Seara Ind. e Com. de Produtos Agro-Pecuários Ltda.

Endereço: Av. 6 de Junho, 380 - Pq. Industrial

Sertanópolis - PR - 86170-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Sellsoy Com. e Exp. de Cereais Ltda.

Endereço: Rua Tiradentes, 244 - Geiss

Sto. Ângelo - RS - 98803-410

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Sementes Selecta Ltda.

Endereço: Rod. GO 320 Km 2,5 - Zona Rural

Goiatuba - GO - 75600-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Simab S.A.

Endereço: Av. das Américas, 4430 Gr. 301 - Barra da Tijuca

Rio de Janeiro - RJ - 22640-102

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Sperafico Agroindustrial Ltda.

Endereço: Av. Otto Willian Nissel ,S/N -

Marechal Candido Rondon - MT - 78100-100

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Sumatra Com. Ind. Exp. e Imp. Ltda.

Endereço: Av. Quinze de Agosto, 1855 - Salto

Socorro - SP - 13960-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Sumitomo Corporation do Brasil S.A.

Endereço: Av. Paulista, 949 1º andar - Cerqueira César

São Paulo - SP - 01311-917

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Têxtil Bezerra de Menezes S.A.

Endereço: Av. dos Expedicionários, 9981 - Itaperi

Fortaleza - CE - 60741-600

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: U.S.J. - Açúcar e Álcool S.A.

Endereço: Rua Joaquim Floriano, 72 andar 4 cj. 46 - Itaim Bibi

São Paulo - SP - 04534-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Usina da Barra S.A. - Açúcar e Álcool

Endereço: Faz. Pau D' Alho, s/n - Zona Rural

Barra Bonita - SP - 17340-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Usina Maracá S.A. Açúcar e Álcool

Endereço: Faz. Sta. Amélia, s/n - Zona Rural

Maracá - SP - 19840-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Usina Nova América S.A.

Endereço: Aldeia Tarumã - Água da Aldeia

Tarumã - SP - 19820-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Vale do Ivaí S.A. Açúcar e Álcool

Endereço: Estr. Marisa, Km 3, Cx. Postal 141 - Zona Rural

São Pedro do Ivaí - PR - 86945-000

Faixa de Exportação: De US\$ 10 a 50 milhões

Razão Social: Vitapelli Ltda.

Endereço: Rod. Com. Alberto Bonfiglioli, nº 8000 - S/Denominação

Presidente Prudente - SP - 19020-990

Faixa de Exportação: De US\$ 1